

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

**CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO**

**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**O ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS INSTITUCIONAIS  
DOS EGRESSOS DAS CASAS-LARES NOSSA SENHORA  
DO CARMO E SÃO JOÃO DA CRUZ:  
MITOS E DESCOBERTAS**

**ALESSANDRA TODESCATO CATANEO**

  
**Marly Venzob Tristão**  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSC

**Florianópolis (SC), novembro de 2000.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

**CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO**

**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**O ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS INSTITUCIONAIS  
DOS EGRESSOS DAS CASAS-LARES NOSSA SENHORA  
DO CARMO E SÃO JOÃO DA CRUZ:  
MITOS E DESCOBERTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Serviço  
Social da Universidade Federal de Santa  
Catarina para obtenção do Grau de Bacharel  
em Serviço Social, orientado pela Professora  
Krystyna Matys Costa.

**ALESSANDRA TODESCATO CATANEO**

**Florianópolis (SC), novembro de 2000.**

Banca Examinadora:

Presidente – Prof. Orientador \_\_\_\_\_

1º Examinador \_\_\_\_\_

2º Examinador \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

- A Deus pela arte de fornecer e embelezar a vida...
- A orientadora Krystyna Matys Costa, que contribuiu não só para a realização deste trabalho, como para meu crescimento pessoal e profissional....
- As professoras Heloisa Maria José de Oliveira e Edaléa Maria Ribeiro, que com sua gama de conhecimentos auxiliaram em minha formação acadêmica....
- As assistentes sociais Marcia Gomes da Silva de Oliveira e Maria Teresa Barreto Floriane, que acompanharam meu estágio contribuindo no processo de aprendizagem através da troca de saberes; foi muito gratificante....
- As amigas Joice, Paula e Léya, pela cumplicidade nesta caminhada...
- Aos colegas de trabalho do Tribunal de Justiça, pelos inúmeros incentivos nos momentos de dificuldades...
- A minha filha Larissa, pela compreensão e apoio durante a realização deste trabalho....
- Ao meu marido e companheiro Sérgio que se fez presente nesta caminhada, fazendo-me concretizar este sonho...
- A minha mãe Elvira, pelo apoio nesta jornada...
- As meninas e aos meninos das Casas-Lares, que me ensinaram a enxergar o outro lado da vida;



- E por fim, aos egressos das Casas-Lares, que cada qual com sua singularidade possibilitaram o êxito deste trabalho; trabalhar com vocês foi um grande aprendizado!

*“Não são as perdas e nem as caídas que o podem fazer fracassar nossa vida, senão a falta de coragem para levantarmos e seguirmos adiante”.*

*Samael Aun Weor*

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	IV
LISTA DE GRÁFICOS .....	VIII
INTRODUÇÃO.....	1
1 TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO BRASIL DOS DISPOSITIVOS LEGAIS AO ABRIGO INSTITUCIONAL .....	4
1.1 O CENÁRIO CONJUNTURAL E A REALIDADE DAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS.....	5
1.2 UM BREVE RESGATE DA POLÍTICA NACIONAL DE ATENDIMENTO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE: DO CÓDIGO DE MENORES DE 1927 AO ECA.....	10
1.3 O ABRIGO: NOVO REORDENAMENTO INSTITUCIONAL ESTABELECIDO PELO ECA ...	16
1.4 AS CASAS-LARES NOSSA SENHORA DO CARMO E SÃO JOÃO DA CRUZ.....	20
2 A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL FRENTE À PROBLEMÁTICA DOS EGRESSOS.....	24
2.1 O ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS INSTITUCIONAIS: MITOS E DESCOBERTAS....	25
2.2 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA REALIZADA COM OS EGRESSOS DAS CASAS-LARES NOSSA SENHORA DO CARMO E SÃO JOÃO DA CRUZ .....	30
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	31
2.3.1 Instrumentos de coleta de dados.....	31
2.3.2 Amostragem.....	34
2.4 ANÁLISE QUANTITATIVA DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS ATRAVÉS DA PESQUISA.....	35
2.5 ANÁLISE QUALITATIVA DOS RECORTES RELEVANTES DOS DEPOIMENTOS .....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXO 01 .....	58
ANEXO 02 .....	60

## LISTA DE GRÁFICOS

1 Faixa Etária.....	35
2 Grau de Escolaridade.....	36
3 Escolarização em Continuidade.....	36
4 Moradia.....	38
5 Perspectivas para o Futuro.....	39
6 Tempo de Desligamento do Abrigo.....	40
7 Tempo de Permanência no Abrigo.....	40
8 Causas do Abrigamento.....	41
9 Motivos do Desligamento.....	41
10 Pontos Positivos.....	42
11 Pontos Negativos.....	43
12 Motivos que levaram a procurar o Abrigo.....	43

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma exigência do Departamento de Serviço Social da UFSC para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

O questionamento em torno do tema a respeito dos egressos se deu por meio de reflexões e questionamentos surgidos da experiência prática do estágio de Serviço Social realizado nas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, ambas localizadas na comunidade de Coqueiros, no município de Florianópolis, no período de agosto a dezembro de 2.000.

Observou-se a relevância de estudar o tema em questão, com maior profundidade, devido a procuras significativas de algumas egressas da Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo. Cita-se principalmente o pedido de retorno da adolescente Karen, que procurou o Serviço Social do abrigo anteriormente citado, buscando soluções para os seus problemas. Assim, surgiu o questionamento em torno da importância do abrigo para aqueles que dele egressam. Seria o abrigo ponto de referência para os adolescentes desligados? É importante mencionar que o que motivou a pesquisa foram as adolescentes egressas, pois foram essas as que mais solicitaram auxílio ao abrigo no período de estágio. No entanto, devido a importância do tema, e também pelo fato de os adolescentes egressos também recorrerem à Casa-Lar São João da Cruz, viu-se por bem estender a presente pesquisa ao universo masculino.

Assim, fez-se necessário, primeiramente, buscar embasamentos teóricos, visando o aprofundamento de questões que necessitam ser bem estudadas. Para tanto, organizou-se o conteúdo do presente trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo, contextualiza-se a teoria que permeia a pesquisa, relatando-se a trajetória da infância e da adolescência no Brasil, dando ênfase aos dispositivos legais de proteção à infância e juventude. Todavia, coube relatar

desde logo, ao iniciar este capítulo, o cenário conjuntural de que são vítimas as famílias brasileiras, e conseqüentemente suas crianças, cuja realidade é perpassada pela falta de acesso à educação, saúde, num cotidiano de trabalho árduo, de violência, de miséria, numa luta constante pela sobrevivência.

Já, no segundo item deste capítulo, relata-se as políticas de atendimento às crianças e adolescentes, desde o Código de Menores de 1927 até o presente Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069 de 13 de julho de 1990), que põe por terra a idéia de grandes instituições para abrigar um grande número de crianças e adolescentes, dando-se ênfase às instituições de menor porte, que podem prestar atendimento de caráter mais individualizado e personalizado, podendo ter mais semelhança com um lar e permitindo, acima de tudo, a convivência com a comunidade e utilização de serviços prestados pela mesma.

Como novo enfoque ao atendimento as crianças e adolescentes, o ECA direciona as entidades de abrigo, tornando-se necessário descrever a respeito das inovações atribuídas a esta medida de proteção. Para que ficasse bem esclarecido do que realmente se refere o abrigo, diferenciou-se este das instituições de internação e das instituições de albergue, bem como a sua população atendida. Apontou-se ser relevante também a classificação pela qual são submetidos os abrigos, pois estes são classificados de acordo com seu tamanho, tempo de permanência e espécie de atendimento prestado. Sendo assim, após rever o cenário conjuntural em que estão inseridas as famílias contemporâneas, resgatar as políticas de atendimento à infância desde o código de 1927 até o ECA e focar o novo redirecionamento dado às instituições de abrigo após a promulgação do mesmo, fez-se necessário relatar a respeito das instituições Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, abrigos de pequeno porte, com permanência continuada e de atendimento convencional, destinados a atender crianças e adolescentes do sexo feminino e masculino, com faixa etária entre 07 e 18 anos.

Posteriormente, no segundo capítulo, relatou-se os vínculos estabelecidos institucionalmente nas Casas-Lares, direcionando-os ao tema proposto. Descreveu-se a problemática em relação aos egressos e egressas, bem como o posicionamento do Serviço Social das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz em relação a esta demanda, que por ser no cotidiano emergente, necessita de sérias intervenções.

Nos itens, deste segundo capítulo, apresenta-se a pesquisa realizada com as seis egressas e dois egressos no período de setembro a outubro de 2.000. Em seguida, relata-se os procedimentos metodológicos utilizados, bem como os instrumentos de coleta de dados.

Nos itens seguintes apresenta-se a análise quantitativa das informações obtidas por meio de pesquisa e também, análise qualitativa de recortes das falas. Ressalta-se a importância dos depoimentos para posterior atuação do Serviço Social, tendo em vista a relevância de alguns depoimentos, pois considera-se ser a opinião dos egressos tão importante quanto a daqueles que estão atualmente abrigados, pois os que das instituições se desligaram podem apontar com precisão os pontos em que os abrigos auxiliaram e contribuíram para a sua qualidade de vida e os pontos em que foram falhos.

Tendo em vista a importância dos depoimentos decidiu-se colocar em anexo as transcrições das oito entrevistas realizadas com os adolescentes egressos, bem como o roteiro utilizado para realização da entrevista.

## 1 TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO BRASIL DOS DISPOSITIVOS LEGAIS AO ABRIGO INSTITUCIONAL

*“... os primeiros internamentos podem ocorrer na mais tenra idade, por ação familiar. Muitas vezes, o comportamento do menor no contexto familiar é tomado como justificativa de seu internamento. Nestes casos, a família acredita que o menor estará mais seguro na instituição, que proverá sua guarda, sustento, educação, afastando-o das más companhias na rua e, mesmo, corrigindo seus comportamentos. Outras vezes o internamento se deve somente a falta de condições financeiras para sustento do filho” (Violante, 1984, p.51).*



## 1.1 O cenário conjuntural e a realidade das famílias contemporâneas

*“A verdadeira democracia, aquela que implica o total respeito aos Direitos Humanos, está ainda bastante longe no Brasil. Ela existe apenas no papel. O cidadão brasileiro na realidade usufrui de uma cidadania aparente, uma cidadania de papel”* (Dimenstein, 1998, p.17).

As questões sociais estão situadas num sistema capitalista, que cada vez mais procura reduzir os gastos na área social, tendendo a privatizar o que é público, tornando a competitividade do mercado de trabalho mais acirrada, fazendo da convivência social um palco de luta pela sobrevivência. Neste contexto são reproduzidas condições de desigualdade, carências, inquietações, etc. Assim, a maioria dos cidadãos não consegue exercer os seus direitos, formalmente garantidos pela democracia. “Os dilemas da cidadania (...) não se limitam aos aspectos políticos, ou jurídicos-políticos, envolvem também os sociais, econômicos e culturais” (Ianni, 1996, p.111).

Atualmente, ainda presencia-se a interpretação dos direitos sociais como favores, como benefícios para poucos, deixando de lado as reivindicações da sociedade civil. As demandas colocadas por esta exigem que as políticas sociais, além de ampliadas, sejam mais eficazes, garantindo igualdade de condições, e conseqüentemente a conquista de direitos e da cidadania. Segundo Gentilli:

*“... a reflexão sobre cidadania evolui de um conceito restrito à participação dos membros de uma sociedade para vincular-se contemporaneamente à idéias de emancipação. A antiga noção de pertencimento territorial e de relação com as respectivas normas e leis do Estado – nação é ainda uma noção central, porém não mais se restringe a isto”* (1998, p.143).

As famílias são atingidas fortemente pela desigualdade e pela exclusão, encontram-se num patamar de pobreza no qual lutam constantemente pelo

simples ato de subsistir. No entanto, muitas vezes as famílias são consideradas culpadas pela sua situação econômica e, ao contrário do que deveria acontecer, perdem os benefícios que possuíam via corte e redução de políticas sociais. Conforme Weber:

*“59% da população são pobres e excluídos e (...) ainda existem 19 milhões de analfabetos no país. Quase quatro milhões de crianças entre 5 e 14 anos trabalham (...). O Brasil é o segundo país em prostituição infantil e o primeiro na América Latina (...). Mesmo ocupando a 10ª posição na economia internacional, apesar do desenvolvimento econômico e aumento considerável do Produto Interno Bruto, a sua estrutura social não sofreu evolução, fazendo com que se tornasse o campeão mundial da desigualdade” (1998, p.30).*

Segundo a mesma autora, dados do Banco Mundial demonstram que o Brasil tem a pior concentração de renda do planeta, pois 10% da população detém 54% da renda nacional. Em se tratando da divisão de terras é ainda pior, pois a metade das terras do país é de posse de 2%. Em se tratando da fome o Brasil está posicionado no 108º lugar, ou seja, 6,5% da população passa fome. De cada 1.000 crianças, 43 são vítimas de mortalidade.

Neste contexto excludente e perverso, em que vivem as famílias brasileiras, os direitos sociais não são considerados prioridades, o Estado em primeiro plano considera a economia, “... acentuando a pobreza e gerando um continente imenso de excluídos, ou seja, de seres humanos destituídos de direitos básicos, como comida, saúde, educação, higiene, trabalho ...” (Weber, 1998, p.35).

*“A família brasileira tem sido alvo de inúmeras exclusões e percebe-se que essa categoria a perpassa tanto no plano material, como no subjetivo. A exclusão não pode ser considerada só no plano econômico e pelo grau de pobreza, pois ela se dá num campo muito mais amplo, ou seja, através da etnia, gênero, identidade cultural, corte de direitos sociais; trabalho precário; preconceito a pessoas doentes e outras discriminações que afetam principalmente as pessoas de classes menos favorecidas” (Oliveira, 1999, p.19).*

Sendo assim, a exclusão das famílias implica diretamente na exclusão das crianças e adolescentes, pois desde a mais tenra idade precisam conviver com a falta de acesso, com a fome, com o frio, ou seja, lutam juntamente com suas famílias contra as necessidades que lhes impedem a sobrevivência, o que dirá a possibilidade de viver com dignidade.

Como conseqüência marcante da exclusão, pode-se citar a falta de acesso à escola, onde acesso e permanência são garantidos por lei. No entanto, de acordo com Gerardi (2000) os dispositivos legais de proteção à educação – ECA, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Plano Decenal de Educação – por si só não garantem o acesso e permanência das crianças na escola. Mesmo quando as famílias conseguem matricular suas crianças e viabilizar a sua freqüência assídua, ainda precisam enfrentar problemas como a fome, doenças, preconceitos do ambiente escolar, falta de material escolar, de uniforme além do que a criança, que muitas vezes precisa auxiliar nas atividades domésticas e no cuidado com os irmãos menores, não consegue tempo para realizar suas atividades escolares e, quando consegue, não tem quem a auxilie, pois os pais se não são analfabetos possuem muito pouca instrução para ajudar os filhos.

No Brasil o acesso e a permanência das crianças na escola ainda é um impasse, a prova disto são os altos níveis de repetência e evasão, pois das crianças que ingressam no sistema escolar, “60% não conseguem terminar a oitava série, 24% são excluídos ou abandonam nas primeiras séries, 97% repetem de ano em alguma série do ensino básico, 21% apenas conseguem terminar a quarta série na zona rural e 4,5% apenas conseguem terminar a oitava série sem repetência” (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.72). Já no Estado de Santa Catarina “... em 1987, um ano antes da promulgação da Constituição da República, o índice de evasão era de 10,42% na rede estadual de ensino, baixando para 4,83% em 1998...” (Santa Catarina, 1999, p.29).

Nas áreas urbanas existem vagas para quase todas as crianças de 07 a 14 anos, chegando a 90% o número de crianças que freqüentam o primeiro grau. O grande problema é que as próprias escolas não são acessíveis e não garantem a permanência, seja por motivos econômicos, de família, ou por problemas de ordem pedagógica, ou outros.

*“O acesso e a permanência no sistema escolar são muito precários nas populações de baixa renda e nas zonas rurais. A falta de vagas (poucas escolas vão além da quarta série) e o trabalho precoce impedem os mais jovens de terem a educação básica, situação particularmente grave no Nordeste” (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.74).*

Segundo a OIT – Organização Internacional do Trabalho (apud Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994) 95% das crianças que trabalham entre os 10 e 17 anos estão no Brasil. Isto porque 54% do total de menores de 17 anos convivem em famílias com renda per capita de até meio salário mínimo. Assim, colocam-se as crianças no mercado de trabalho, privando-as da escola, das brincadeiras e fantasias, pois é uma forma que a família encontra de melhorar a sua renda e garantir o mínimo necessário à sobrevivência. Os trabalhadores de idade entre 10 e 17 anos representam 11,6% da população economicamente ativa do país, destes, 65% trabalham sem registro em carteira profissional.

A necessidade de contribuir com a renda familiar, ou o fato de ser o membro de fonte principal de renda da família e as poucas condições de trabalho digno e legal, fazem com que os adolescentes ou até mesmo as crianças se atirem rumo à prostituição.

*“... o michê – prostituição homossexual masculina, tem tido maior destaque nos últimos anos. (...) De acordo com estudo realizado na cidade do Rio de Janeiro, 90% têm menos de 20 anos. Na baixa*

*estação turística, são estimados em 1.000; no alto verão e Carnaval, chegam a 4.000” (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.116).*

Relacionada a situação da criança e do adolescente no Brasil, está também a violência, determinada por maus tratos, negligência, espancamento da criança, tortura e abuso sexual, até mesmo pelos próprios pais.

*“A mão que faz carinho pode ser a mesma que bate, dá socos e pauladas... Entre 1987 e 1991 o SOS Criança de São Paulo atendeu 12.267 crianças vítimas de agressões físicas, violência sexual ou negligência. Deste total, 70% foram vítimas dos próprios pais ou familiares (Folha de São Paulo, fevereiro de 1992). No Paraná, 47 crianças foram levadas ao IML de Curitiba pelo programa SOS Criança, em 1991, com traumatismos, ferimentos e marcas de violência sexual” (Weber e Kossobudzki, 1996, p.64).*

A alta taxa de mortalidade infantil é outro indicador da dura realidade infantil. De cada 1000 crianças, 65 morrem antes de completar 05 anos, sendo que a maioria das doenças que causa as mortes é de fácil prevenção e tratamento como a diarreia, pneumonia e outros. Os cuidados durante a gestação, a má qualidade dos serviços oferecidos e a fome contribuem para esta estimativa. “No Brasil, 31% das crianças menores de 05 anos têm o crescimento físico e mental afetado pela carência alimentar” (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.47). Além disso:

*“A saúde infantil depende das condições familiares de vida e moradia (...). No Brasil, a população pobre é obrigada a morar em favelas, loteamentos periféricos ou terras agrícolas improdutivas. São áreas de risco para a vida e para a saúde, que não oferecem condições mínimas para a sobrevivência – a maioria sem saneamento básico (água limpa, tratamento de esgotos, coleta de lixo) ou serviços de saúde suficientes” (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.48).*

De acordo com Weber e Kossobudzki: “60% das crianças brasileiras com menos de um ano de idade vivem em casas sem condições adequadas de

saneamento básico e (...) 60% das internações hospitalares no Brasil se devem à falta de saneamento básico...” (1996, p.56).

Sendo assim, o Poder Público deve apoiar as famílias, oferecendo condições de melhorarem sua estrutura de vida. Entre tais condições pode-se citar o acesso a métodos de controle de natalidade, formas de enfrentar o desemprego e de ampliar a renda doméstica, construção de creches comunitárias e de centros de convivência, infra-estrutura relacionada à habitação e ao saneamento, pois “... Não é verdade que as pessoas são pobres porque têm muitos filhos. As condições de trabalho e de educação, a política econômica (...) participam ativamente na determinação da pobreza” (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.38).

Tendo em vista todas as situações de desigualdade e exclusão nas quais desde cedo as crianças são submetidas, juntamente com seus familiares, faz-se necessário, no próximo item, apresentar um breve resgate a respeito das políticas de atendimento à população infanto-juvenil.

## **1.2 Um breve resgate da política nacional de atendimento à criança e ao adolescente: do Código de Menores de 1927 ao ECA**

*“As crianças e adolescentes que hoje subsistem nas ruas de nossas cidades não são fruto do acaso. As condições de existência, que propiciaram a extrema degradação pessoal e social de tantas vidas, decorrem direta ou indiretamente das opções políticas, econômicas e sociais, que presidiram a vida brasileira nas últimas décadas” (Instituto Brasileiro de Pedagogia Social, 1990, p.75).*

No final do séc. XVIII, o cuidado às crianças órfãs e abandonadas no Brasil era exercido pelas irmandades religiosas e Santas Casas de Misericórdia, sendo que as crianças adentravam nas instituições por meio do anonimato do



abandono que a “Roda dos Expostos”<sup>1</sup> mantinha. Mais tarde o Estado Brasileiro assume o atendimento referente aos chamados “delinqüentes”, termo utilizado na época ao adolescente autor de ato infracional, com o propósito de “corrigir” e “disciplinar”, ou seja, inicialmente preocupou-se com a gama de adolescentes que estavam fora dos padrões de conduta estabelecidos na época, deixando ao encargo de entidades filantrópicas o atendimento aos carentes e abandonados.

Segundo o Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (1993), o primeiro Código de Menores foi aprovado em 1927, donde desde a década de 30 se expande um grande conjunto de internatos, justificável pelo pensamento do benefício que este proporcionaria na medida em que os adolescentes retornariam ao convívio social “reparados” e “adaptados”. Assim, “A matriz do trabalho era baseada numa dupla perspectiva: proteger os internos de um mundo hostil e, principalmente, proteger a sociedade da convivência com esses menores”. (CBIA, 1993, p.13). A organização da FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) em 1964, se deu como consequência desse modelo de atendimento. A respeito desta Fundação pode-se citar:

*“Os primeiros anos da FUNABEM resultaram na expansão das estruturas burocráticas para a implementação do sistema nos Estados, abortando qualquer iniciativa mais ousada ou diferente de solução. Mesmo com os novos princípios e o novo discurso, a internação continuou sendo a medida mais usada para enfrentar o então chamado “problema do menor” (CBIA, 1993, p.13).*

Na década de 70 reaparece a discussão sobre a formulação de um Novo Código de Menores, que foi aprovado em 1979. Esta lei destinava-se somente à parcela da população infanto-juvenil que estava em situação de abandono, miserabilidade, autoria de ato infracional, orfandade etc. Sandrini (apud Gerardi, 2000) aponta algumas críticas ao Novo Código de Menores, como o poder quase ilimitado concedido ao Juiz de Menores, o modo amplo como se investiga a intimidade do “menor”, a possibilidade de prisão provisória ao “menor” suspeito de

---

<sup>1</sup> Roda dos Expostos – “... sistema importado de Portugal. As Rodas eram assim chamadas porque mantinham um dispositivo giratório, através do qual, as crianças adentravam às instituições. Este sistema introduzia o anonimato do abandono e a sujeição das crianças ao anonimato da tutela institucional” (CBIA, 1993, p.12).

cometer ato infracional, independente do flagrante, ato inexistente no mecanismo penal do adulto e também pelo fato de a internação ser exercida por tempo indeterminado, independente do ato infracional cometido. Segundo Gerardi:

*“... cada vez mais a preocupação em relação a educação das crianças ia aumentando e inversamente a FUNABEM ia perdendo o seu espaço, pois era um fracasso na medida em que não servia para reeducar as crianças atendidas. Assim, surgiu a necessidade de rever o papel do Estado e conseqüentemente na década de 80 tal fator obteve maior ênfase, pois os atendimentos oferecidos às crianças e adolescente eram cada vez mais questionados” (2000, p.32).*

Na década de 80, busca-se superar a alternativa da institucionalização por meio da alteração efetiva das situações que geram os abandonos e que impedem o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes como cidadãos. Esta década foi de significativa importância na medida em que consolidou um novo olhar sobre a população infanto-juvenil, tornando marcante a atuação dos movimentos sociais pelas crianças através da articulação de entidades não-governamentais, prestadoras de atendimento à população acima citada. Como ponto alvo e concreto das articulações dos movimentos ligados às crianças e aos adolescentes está a implantação de artigos na Constituição Federal de 1988, na qual estes têm seus direitos reforçados, além de serem compreendidos como prioridade absoluta, conforme o seguinte artigo:

*“Art. 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE 1988).*

Este período, como afirma Geremias:



*“...desencadeia uma nova consciência em relação às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. O simples olhar, nos centros urbanos das cidades brasileiras, aponta para uma realidade muito dura: milhares de crianças e adolescentes fazem da rua seu espaço de sobrevivência, muitas vezes sustentando a própria família com o pouco que arrecadam durante o dia” (2000, p.08).*

Dessa forma, o Código de Menores de 1979 já era considerado ultrapassado, fazendo-se necessário a elaboração de uma nova lei que legitimasse os direitos das crianças e adolescentes. Assim, em 13 de julho de 1990 foi aprovado pelo Congresso Nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Este revoga o Código de Menores de 1979 e a lei de criação da FUNABEM.

*“A aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente caracteriza-se como uma conquista marcante no que diz respeito à luta pelos direitos da população infanto-juvenil, pois trouxe um outro entendimento da criança e do adolescente, não mais vistos em “situação irregular” como definia o antigo Código de Menores, mas direcionado a proteção a todas as crianças e adolescentes, quebrando o preconceito de referir-se a criança pobre, carente, como “menor”” (Gerardi, 2000, p.33).*

O ECA condena a utilização do termo “menor”, interpretando uma distinção entre criança e o referido termo, pois este geralmente é utilizado para classificar aquele que se encontra em “situação irregular”. Dessa forma, o Estatuto amplia sua proteção a todas as crianças brasileiras, indiferente de sua condição social e econômica, na qual todos são entendidos como cidadãos e devem ser tratados com prioridade.

*“O emergir do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 representa uma mudança de paradigma em relação a consolidação das políticas sociais como mecanismos viabilizadores dos direitos sociais. Uma política de atenção à infância e à adolescência não pode se restringir aos problemas imediatos, necessita de planejamento, pesquisas, pois estas questões estão ligadas a fatores como: desigualdade social, desemprego, saúde, habitação, educação” (Geremias, 2000, p. 13).*

O Estatuto promove a reorganização no campo das políticas públicas, procura substituir as práticas assistencialistas e repressivas por propostas sócio-educativas baseadas no conceito de cidadania, introduz mudanças inovatórias na política de promoção e defesa dos direitos infanto-juvenis.

Portanto, pode-se considerar o ECA um marco na legislação para infância e juventude, pois trouxe novas concepções e legalizou a prioridade absoluta que as crianças e adolescentes possuem em relação à saúde, educação, lazer etc. Desse modo, o ECA garante que:

*“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (1990, art. 4º).*

Neste âmbito, o ECA traz um novo reordenamento político-administrativo, no sentido de que coloca o município em posição de controle das políticas públicas e condução das suas ações de modo que se priorize as necessidades infanto-juvenis, afim de alcançar o desafio de incorporar as crianças e adolescentes como “sujeitos de direitos” e “pessoas em desenvolvimento”. Assim, “... cabe aos Municípios a coordenação local e a execução direta das políticas e programas destinados à infância e adolescência, em parceria com as entidades não-governamentais” (Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1999, p.39).

Para tanto, estabelece-se o Conselho de Direitos, em nível Nacional, Estadual e Municipal, que são órgãos descentralizadores, paritários e representativos, que buscam basicamente a formulação de políticas públicas eficazes a fiscalização do poder público, buscando trabalhar pela mudança de mentalidade da população para que as crianças e adolescentes realmente sejam considerados como preocupação primordial.

Além dos Conselhos de Direitos, o Estatuto cria também os Conselhos Tutelares, que são órgãos permanentes, autônomos e não jurisdicionais, encarregados de zelar pelos direitos das crianças e adolescentes, menos em relação a infrações penais ou possíveis alterações nas condições jurídicas; e os Fundos, que contribuem para o financiamento de despesas relacionados à defesa de direitos, à mobilização social, à formação de recursos humanos, a Programas de Apoio ao infrator e sua família, dentre outros.

É importante refletir sobre a questão social da criança e do adolescente na realidade brasileira, principalmente dos provenientes das famílias carentes, torna-se uma tarefa necessária e de suma importância, para os vários setores da sociedade, pois este contexto da situação econômica e social do país reflete principalmente nestas famílias, onde emerge a falta de proteção, a ameaça e a violação dos direitos básicos de sobrevivência. Dessa forma, de acordo com o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente:

*“... o Estatuto propõe um reordenamento de todas as instituições relacionadas à infância. O Poder Judiciário, o Poder Executivo, as organizações não-governamentais (ONG's) e a comunidade (...). Esta articulação mostra-se indispensável tendo em vista que muitos problemas das crianças e jovens decorrem da miséria de suas famílias e do fracasso das políticas públicas de educação, saúde, trabalho, moradia, saneamento e agricultura” (1999, p.40-41).*

Em relação as inovações do ECA coloca-se também, como ponto relevante, a falta de respaldo legal que atribui em relação às grandes instituições. Sendo que o “... atendimento deve ser realizado de forma personalizada, em pequenas unidades e pequenos grupos, privilegiando-se as ações descentralizadas e municipalizadas” (CBIA, 1993, p.16).

Cabe relatar no item seguinte, o posicionamento do ECA frente aos abrigos, ou seja, a nova forma de reordenamento institucional que busca atender às crianças e adolescentes de maneira digna e pautada em noções de cidadania.

### **1.3 O abrigo: novo reordenamento institucional estabelecido pelo ECA**

*"A internação deve limitar-se a abrigos e ser de curta duração. A institucionalização é um recurso extremo, usado somente após estarem esgotadas as possibilidades de manter a criança com a própria família"* (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994, p.37).

O abrigo é uma medida de proteção contemplado pelo ECA, com o intuito de atender às demandas e problemáticas das crianças e adolescentes em situação de abandono, risco pessoal e social, sendo imprescindível a integração do abrigo com as demais medidas de proteção.

*"As medidas de proteção – nas quais se inclui o abrigo – se aplicam a qualquer criança ou adolescente violados ou ameaçados em seus direitos básicos, seja por ação ou omissão do Estado, pela falta, omissão ou abuso dos pais /responsáveis, ou em razão da própria conduta"* (CBIA, 1993, p.18).

É importante não confundir internato com abrigo, pois "... a internação se constitui numa medida sócio-educativa privativa de liberdade, dirigida a adolescentes que praticaram atos infracionais, o abrigo é uma medida para atender crianças e jovens desprotegidos e em estado de abandono social, não implicando em privação de liberdade" (CBIA, 1993, p.19).

Cabe apresentar também a diferença entre o abrigo e o albergue. Este último, é um espaço no qual a criança, adolescente, adultos podem pernoitar, tomar banho, alimentar-se e são oferecidos geralmente com vistas a inscrever os usuários em outros programas de proteção.

A população dos abrigos é constituída por crianças e adolescentes órfãos, em estado de abandono, vítimas de maus tratos físicos e psicológicos, abuso sexual, com vivência de rua na qual não condiz o retorno à família de origem.

O abrigo foi criado para evitar que crianças e adolescentes, nas situações citadas acima, e que não cometeram ato infracional, sejam transformados em prisioneiros sociais. “Uma criança ou jovem em estado de abandono não pode ser privado de liberdade por motivos sociais. Precisa de proteção e apoio na medida em que não pode ser responsabilizado pela situação em que se encontra. Tem direito a uma família, a um espaço próprio onde morar e de participar na vida da comunidade” (CBIA, 1993, p.21).

O ECA, em seu artigo 92, determina os princípios e critérios que orientam os abrigos:

- I – “preservação dos vínculos familiares;
- II – integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem;
- III – atendimento personalizado e em pequenos grupos;
- IV - desenvolvimento de atividades em regime de co-educação;
- V – não desmembramento de grupo de irmãos;
- VI – evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados;
- VII – participação na vida da comunidade local;
- VIII – preparação gradativa para o desligamento;
- IX – participação de pessoas da comunidade no processo educativo”.

O abrigo se caracteriza por propiciar às crianças e adolescentes, a oportunidade de participar da vida da comunidade, por meio de escolas, área de lazer, centros médicos etc... Caracteriza-se também como uma alternativa de moradia provisória dentro de um clima residencial, com um atendimento personalizado, em pequenas unidades e para pequenos grupos de crianças.

As crianças e adolescentes são encaminhadas por meio do Conselho Tutelar, do Juizado da Infância e da Adolescência e do SOS Criança, sendo que o próprio abrigo pode realizar acolhimentos emergenciais, desde que comunique às autoridades competentes até o segundo dia útil. O abrigo será fiscalizado pelo Conselho Tutelar, Vara da Infância e da Juventude e Ministério Público, sendo que seu funcionamento só será permitido após registro no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, ou autoridade judiciária, caso este não exista no município.

Desse modo, o abrigo, enquanto medida de proteção, não é auto-suficiente, e por isso, não deve ser adotado como uma medida isolada.

*“É necessário que a rede de serviços de atendimento às crianças e aos adolescentes esteja implantada. Ao falar da rede, fazemos referência a todos os programas de proteção, aos serviços executores das medidas sócio-educativas, aos programas de auxílio, orientação e promoção à família, aos recursos da comunidade, (...) a programa nas áreas de educação, saúde, esportes, lazer, etc...” (CBIA, 1993, p.29).*

De acordo com o tamanho, os abrigos classificam-se em pequenos e de porte médio, os pequenos dirigem até 20 crianças, os de porte médio abrigam no máximo 35 crianças ou adolescentes. O ECA não estabelece o número exato de crianças ou jovens que podem morar no abrigo, no entanto o que se deve levar em conta é a priorização dos princípios.

Quanto ao tempo de permanência, classificam-se em: de permanência breve – destinados a criança ou jovens que permanecerão por um curto período de tempo, ou seja, que apresentem condições favoráveis de retorno à família de origem ou integração em família substituta – ou de permanência continuada – destinados a crianças e adolescentes que não possuem condições de integração familiar a curto prazo, vítimas de orfandade, abandono, etc. Classificam-se ainda em abrigos de atendimento convencional ou de atendimento especializado – destinados a atender crianças e adolescentes que possuem comprometimentos físicos, mentais e que possuem doenças infecto-contagiosas etc.



O abrigo não é considerado como a medida mais adequada, a família é, na maioria das vezes, melhor. No entanto, é importante que o abrigo seja acolhedor, que ofereça um atendimento personalizado e que procure suprir todas as necessidades das crianças e adolescentes pois para alguns, o abrigo será a casa, ou até mesmo o lar, daqueles que abriga, até o momento em que haja condições para outra definição a respeito da situação.

*“... é sempre recomendável que o número de crianças/jovens seja menor e que (...) se flexibilizem os critérios para a convivência de irmãos e para a atenção individualizada. E mais, oportunize-se (...) criar um programa de engajamento de famílias da comunidade num processo continuado de relação com crianças abrigadas” (CBIA, 1993, p.33).*

— Existe a grande possibilidade do abrigo, principalmente o de permanência continuada, se constituir num ponto de referência para a criança e o adolescente, onde a partir da sua convivência comunitária, com demais crianças e adolescentes e corpo funcional, surgirá a construção do seu projeto de vida, pautado em suas novas vivências e oportunidades viabilizadas pelo abrigo. Sendo assim, considera-se bem provável a construção de vínculos institucionais. No entanto, “... se esses vínculos se tornarem positivos, com certeza esses jovens, mesmo depois de desligados do abrigo, poderão retornar em busca de estímulo, afetividade ou orientação. Assim é importante que a equipe se organize e estabeleça como será esta relação” (CBIA, 1993, p.33).

Faz-se necessário dissertar a respeito dos abrigos Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, campo de estágio, no qual realizou-se a presente pesquisa, quando da discussão a respeito do surgimento de vínculos institucionais, tema deste trabalho.

#### 1.4 As Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz

*“Este final de milênio tem se caracterizado por mudanças éticas no que diz respeito aos problemas sociais. Na realidade, essas mudanças ecoam de transformações maiores de participação da sociedade civil em várias esferas da vida pública. A atuação da sociedade civil tem sido significativa sobretudo em questões onde o poder público não vinha apresentando respostas satisfatórias” (Rizzini, 1999, p.13).*

As Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, ambas situadas no Bairro de Coqueiros, em Florianópolis, são fruto da iniciativa de duas moradoras da comunidade, Leila Pivatto e Roselee Silveira de Sá, que exercem atualmente a função de coordenadoras, e que por meio da ação social da Paróquia de Coqueiros, desenvolveram uma experiência de atendimento às crianças e adolescentes das famílias de moradias situadas na Via-Expressa.

Percebendo-se as precárias condições de moradia, saúde, educação, bem como outras problemáticas que afetavam o desenvolvimento sadio das crianças, ambas as moradoras e o Padre da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, fundaram em 1994, a primeira Casa-Lar na região de Coqueiros, denominada Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo, que prestaria atendimento à crianças e adolescentes do sexo feminino. No ano seguinte, fundou-se também a Casa-Lar São João da Cruz, destinada a atender crianças e adolescentes do sexo masculino.

*“As Casas-Lares objetivam a aproximação da comunidade e da criança e adolescentes abrigados, que tenham sido abandonados ou que tenham seus vínculos familiares abalados. Dessa forma, assegura-se a eles meios de participarem da vida social e cultural da sociedade. Essas crianças de acordo com o ECA são destinadas a receberem proteção por parte do Estado” (Gerardi, 2000, p.58).*

Ambas as Casas-Lares possuem estrutura para abrigar 12 crianças de forma confortável, de acordo com a capacidade física, financeira e funcional.



Atualmente, a Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo abriga 11 crianças, com faixa etária entre 07 e 15 anos, e a Casa-Lar São João da Cruz, crianças com faixa etária entre 07 e 16 anos, compondo um total de 12 meninos. Sendo que todas as crianças e adolescentes estão matriculados e freqüentam com assiduidade a rede estadual de ensino. "Ambas as casas localizam-se próxima de serviços públicos de saúde, lazer, educação etc, bem como de transporte coletivo, sendo que as crianças não ficam isoladas da comunidade" (Oliveira, 1999, p.22).

O corpo funcional é composto por monitoras "... que devem cuidar, assistir e auxiliar na educação das crianças e adolescentes abrigados e responsabilizar-se pelo funcionamento da casa em que trabalham" (Oliveira, 1999, p.22). Cabe também a estas comunicar às Assistentes Sociais (sendo uma voluntária e a outra contratada, além de 04 estagiárias) qualquer problema ou necessidade que a criança deixe transparecer, ou até mesmo verbalizar, tendo em vista que as monitoras são quem mantêm contato mais constante.

As Casas-Lares recebem auxílio de vários voluntários, entre eles, aqueles que exercem atividades de reforço escolar. Ambas as Casas são organizações não-governamentais e de cunho filantrópico.

As Casas-Lares de Coqueiros, de acordo com o item anterior, classificam-se em instituições de pequeno porte, de permanência continuada e de atendimento convencional. O fato de poderem prestar um atendimento mais individualizado e por um período de maior tempo faz com que a criança e o adolescente abrigados se habituem a um novo ritmo de vida, que aprendam a melhor organizar-se com suas atividades, que até mesmo valorizem a escola, já que algumas crianças não freqüentavam ou somente eram matriculadas, que façam projetos para sua vida familiar e profissional, e que até mesmo criem fortes vínculos dentro da própria instituição.

Dessa forma, em relação às demandas que apresentam, as crianças e adolescentes abrigados utilizam-se do suporte proporcionado pelo Serviço Social. Dessa forma, conforme Gerardi:

*“... contam com o respaldo do Serviço Social e através deste desfrutam de vários serviços, ligados a tratamento médico, tratamento psicológico ou psiquiátrico, exames médicos, tratamento odontológico, esportes como natação e futebol, cursos de línguas como inglês e espanhol, cursos de computação, cursos profissionalizantes como mecânica etc... além é claro de serem matriculados e freqüentarem com assiduidade a escola” (2000, p.59).*

Em relação a atuação do Serviço Social nas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, pode-se mencionar que a sua preocupação não se detém somente ao período de abrigamento, mas principalmente em viabilizar novas medidas de encaminhamentos, pois como já mencionado, o abrigo é medida provisória. Assim, trabalha-se constantemente pelo retorno à família de origem, no caso de ser inviável, trabalha-se então a colocação em família substituta.

*“... o Serviço Social das Casas-Lares procura preservar os vínculos familiares; o não desmembramento de grupos de irmãos; repassar informações à autoridade judiciária periodicamente, nos casos em que se mostre inviável o reatamento dos vínculos familiares; providenciar os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não os tiverem; outros” (Oliveira, 1999, p.25).*

No entanto, devido a faixa etária das crianças, a colocação em família substituta é dificultada, pois a preferência maior, no caso de adoção, são as crianças menores – e nem sempre o retorno à família de origem ser possível - prepara-se as crianças e adolescentes ao mercado de trabalho, mantém-se contato periódico, procura-se criar laços afetivos via “Projeto de Apadrinhamento Afetivo” etc... Porém, o laço dos que egressam sem terem um suporte familiar, é ainda maior com a instituição. As Casas-Lares passam a ser o seu maior vínculo,

o seu apoio e suporte nos momentos de crise, quando costumeiramente as procuram.

Dessa forma, salienta-se a construção de vínculos institucionais nas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz com as crianças e adolescentes abrigados, sendo que, quando na condição de egressos, estas instituições exercem o papel de referenciais de auxílio, na qual com certeza estes encontram consolo e por meio do Serviço Social, encaminhamentos que viabilizem o que almejam no momento de crise ou o que lhes é necessário para a construção de seu projeto de vida.

A respeito do trabalho do Serviço Social frente aos egressos e a percepção da construção de vínculos institucionais, faz-se necessário relatar com maior profundidade, no capítulo que segue.

## 2 A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL FRENTE À PROBLEMÁTICA DOS EGRESSOS

*“... talvez uma criança mesmo criada em um internato pudesse ter um desenvolvimento “normal” ou mais parecido com aquele que uma criança criada em uma família teria, se houvesse no internato algumas condições básicas: (...) estímulos adequados ao desenvolvimento psicomotor e cognitivo, oportunidades de estabelecer vínculos afetivos duradouros...” (Weber, Kossobudzki, 1996, p.51).*

## 2.1 O Estabelecimento de Vínculos Institucionais: Mitos e Descobertas

*“... algumas crianças tornam-se excessivamente sensíveis à possibilidade de separação ou perda de amor, em razão de terem tido a efetiva experiência de separação (...). Isso significa que após a perda de um vínculo forte a criança tende a ficar sempre apreensiva pela possibilidade de ocorrer outra perda...” (Weber, Kossobudzki, 1996, p.41).*

– Apesar de ser colocada como último recurso, no Brasil, a prática do abrigo é muito utilizada. Entre as razões deste, está a carência financeira em prover o sustento dos filhos e a falta de alternativas para este problema, como o escasso auxílio prestado pelos órgãos governamentais. No entanto, será que em alguns casos a instituição não é a medida mais adequada? A criança não estará mais protegida na instituição? Esta dúvida sempre será motivo de questionamento, as questões de abrigo nunca são simples e para amenizá-las deve-se levar em conta os inúmeros aspectos determinantes de cada uma das situações.

A institucionalização, medida provisória e transitória, de acordo com o ECA, é utilizada para resguardar a criança e o adolescente em situação crítica, na qual esta é vítima dos pais ou da convivência destes, é submetida a maus tratos, abuso, negligência etc. No entanto, de acordo com Weber e Kossobudzki:

*“... A prática da internação traz grandes prejuízos, pois separa a criança de sua família e da comunidade e esta passa a pertencer a uma instituição. Na medida em que a instituição substitui a família, ocorre a perda da responsabilidade dos pais, mesmo que a instituição pregue o contrário...” (1996, p.45).*

Segundo Figueiredo (apud Santos, 2000, p.61) “... a violência contra crianças e adolescentes dos setores de baixa renda encontra-se institucionalizada, disseminada por todo o tecido social, fazendo com que seja

introjetada e reproduzida por setores médios da população, (...) no Brasil há uma identificação entre violência e miséria que leva a que pobres sejam considerados bandidos em potencial e (...) por isso desrespeitados em seus direitos (...). Entretanto a identificação da violência como resultado da miséria é também uma forma de esquivar-se dos pontos centrais do problema e de preservar certos preconceitos que contribuem para agravar a situação das populações pobres”.

Após a institucionalização e separação familiar, ainda tem-se o agravante temporal, pois “O tempo exerce mais um efeito perverso: a criança acaba perdendo o contato com a família à medida que os anos passam e as causas que provocaram a internação persistem” (Weber, Kossobudzki, 1996, p.45).

Segundo Becker: “A psicologia demonstra a importância das relações afetivas para a obtenção da saúde mental e as ciências sociais indicam que a presença de adultos confiáveis e o exercício da autoridade são indispensáveis para assegurar o convívio democrático entre os homens e mulheres na sociedade” (1994, p.60).

Como mencionado anteriormente, o desenvolvimento psicossocial e intelectual torna-se prejudicado quando do abrigamento de crianças e adolescentes. No entanto, a vivência de estágio curricular obrigatório nas Casas Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, integrando o corpo funcional do Serviço Social, faz levantar o seguinte questionamento: Seria a institucionalização tão mais prejudicial à criança e ao adolescente do que a continuidade das situações traumáticas que determinaram sua ida para o abrigo? Discorda-se de Weber e Kossobudzki (1996) quando discorrem que não importa o tipo de mãe que se perdeu, se era perigoso estar em sua presença, mas que a separação da mãe é muitas vezes pior do que estar com ela. Será que a separação com a família que maltrata e coloca, às vezes, em risco a vida da criança pode ser mais prejudicial do que os danos causados por esta família?

De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (apud Becker, ) a família é:

*“... elemento básico da sociedade e meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros, e em particular das crianças, deve receber proteção e assistência necessárias para poder assumir plenamente suas responsabilidades na comunidade e que a criança para o pleno e harmonioso desenvolvimento de sua personalidade, deve crescer no seio da família, em um ambiente de felicidade, amor e compreensão” (1994, p.60-61).*

Em virtude das vivências e dos danos afetivos ocasionados por esta, surge o fato de que a criança, vítima de maus tratos pela própria família, quando retirada desta e, por sofrer a separação, tende a ficar mais apreensiva pela possibilidade de ocorrer outra perda, o que dificulta, e muito, a sua ligação com outras pessoas, tanto do abrigo, como da comunidade local.

É importante mencionar que não se tem a intenção de demonstrar a ruptura familiar como algo benéfico ao desenvolvimento da criança e do adolescente. No entanto, tem-se a convicção de que o abrigo não é de todo prejudicial, que pode trazer, quando bem direcionado e com bom corpo funcional, elementos positivos à formação intelectual e emocional daqueles que acolheu. E, principalmente, que a criança e o adolescente, sentimentalmente perturbados e com seu espírito de confiança rompido pela separação familiar e abalos que esta lhe proporcionou, bem como dificultada pelos agravantes da convivência institucional – “... variações e mudanças de pessoas que atendem, as diferenças de técnicas de atendimento, a falta de consenso sobre quais os comportamentos a serem punidos, reforçados ou ignorados...” (Weber, Kossobudzki, 1996, p.49). Podem ainda, por meio da atuação constante e eficaz do Serviço Social, terem a oportunidade de reconstituição dos vínculos ou da criação de novos vínculos extra-abrigo, ou até mesmo dentro da própria instituição.

Assim, neste trabalho pretende-se dar ênfase a criação de vínculos efetivados por meio do processo de trabalho do Serviço Social, mais precisamente, direcionando o ponto de discussão a respeito da criação de



vínculos internos ao abrigo, tão questionados e até mesmo negados em sua existência e que foram identificados nas instituições Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz; por meio de percepção subjetiva do Serviço Social.

A criação de vínculos afetivos internos ao abrigo foi percebida pelo Serviço Social das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, quando do momento de desligamento. Após este, não há um acompanhamento sistemático das crianças e adolescentes, isto justifica-se pelo fato de a demanda exceder às possibilidades de atendimento do corpo funcional de assistentes sociais. Desse modo, ambas as Casas-Lares não possuem um programa destinado especificamente àqueles que egressam, com visitas e acompanhamento sistemáticos e atividades destinadas a auxiliá-los. O que na verdade ocorre é um acompanhamento emergencial destinado a suprir e atender as principais dificuldades que encontram quando fora dos abrigos. No entanto, mesmo com este vácuo, ainda foi visivelmente perceptível a ligação dos egressos e egressas com os abrigos, mais diretamente com o Serviço Social destes, pois as crianças e adolescentes desligados procuram com freqüência as assistentes sociais.

Este é também um ponto a ser destacado: a procura constante pelos egressos e egressas aos profissionais de Serviço Social das referidas Casas-Lares. O Serviço Social é requisitado de maneira incessante nos mais diversos momentos, sejam por algumas questões, como a necessidade de uma cesta básica, ou por assuntos mais complexos, como a necessidade de emprego, separação conjugal, dificuldades de enfrentar uma gravidez, ou até mesmo solicitar o retorno à Casa-Lar.

O fato das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz serem constantemente procuradas pelos egressos fez surgir o questionamento em torno dos vínculos que surgem nos abrigos, bem como do papel referencial que estes passam a ter para as crianças e adolescentes, pois nas dúvidas



cotidianas e nos problemas são os abrigos o suporte para amenizar, para solucionar ou até mesmo para um simples desabafo e orientação do Serviço Social.

Weber e Kossobudzki preconizam (1996, p.49) "...o carinho, o aconchego, o dar e receber amor ficam prejudicados em uma instituição, pelas inerentes limitações de atitudes espontâneas, causando diferentes tipos de danos à criança, às vezes irreversíveis, sejam eles físicos, intelectuais ou principalmente, emocionais". Porém, será que nada há de positivo emocionalmente? Será que nenhum vínculo surge da institucionalização? Tem-se o pressuposto de que as instituições possibilitam, tanto no plano material e emocional, um espaço que serve de suporte para a formação do adolescente.

Com base nos questionamentos enfrentados ao longo da experiência vivida, realizou-se a pesquisa que segue, aplicando-se entrevista com oito adolescentes, tanto do sexo masculino quanto do feminino, egressos das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz.

## **2.2 Apresentação da Pesquisa realizada com os Egressos das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz**

A presente pesquisa tem como objetivo principal aprofundar as questões relativas aos vínculos referentes aos adolescentes das Casas-Lares, bem como a obtenção de subsídios para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

A preocupação em estudar este tema justifica-se pelo fato de que, durante o transcorrer da prática de estágio nas Casas-Lares, percebeu-se a necessidade de um acompanhamento especializado periódico relativo às crianças e adolescentes egressos, com o objetivo de verificar as situações com que estes se deparam após seu desligamento com a instituição.

Realizou-se entrevistas com os egressos para identificar qual a realidade encontrada, e ainda perceber a ligação dos egressos e egressas com os abrigos, pois mesmos desligados, estes procuram com frequência as assistentes sociais, apontando assim a criação de vínculos com a instituição.

Diante disso, realizar esta pesquisa significa conhecer melhor a visão dos egressos sobre as Casas-Lares.

Objetivando conhecer de perto a realidade mencionada anteriormente, realizou-se a pesquisa, utilizando-se na coleta de dados, o gravador, com permissão do entrevistado, sendo todo o material transcrito para posterior análise. Desse modo, permitiu-se a cada egresso expor sua visão sobre o tema em questão.

Através do conhecimento da realidade pesquisada, pretende-se obter dados que permitam ter uma visão mais ampla e concisa do assunto abordado. Cabe mencionar que será feita uma análise quantitativa dos dados obtidos, bem como uma análise qualitativa do que se considerou primordial.

Para atingir tais objetivos, fez-se o levantamento de todos os egressos e egressas registrados pelas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz no período de 1994 a 1999. Foram identificados um total de 22 adolescentes desligados, sendo que fizeram parte do universo desta pesquisa apenas os que foram de possível localização. Cabe mencionar, que os adotados não participaram do universo da amostragem por sugestão das assistentes sociais do abrigo.

Optou-se trabalhar na pesquisa de campo com uma amostra de 36,5% do universo dos adolescentes/jovens desligados, resultando 08 egressos escolhidos: 06 egressas e 02 egressos. Ressalta-se que esta amostragem é suficiente para fornecer embasamentos pertinentes a respeito da realidade do universo da pesquisa.

Serão utilizados nomes fictícios, como forma de preservar a identidade dos entrevistados.

## **2.3 Procedimentos Metodológicos**

*“A utilização da metodologia faz-se necessária para que se compreenda o caminho dos pensamentos teóricos e a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, servir de parâmetro para não desviar-se da linha do conhecimento” (Minayo, 1993, p.16).*

### **2.3.1 Instrumentos de coleta de dados**

No desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas técnicas para o levantamento de dados, tais como: pesquisa bibliográfica, observação direta e entrevista.

### 1) Pesquisa Bibliográfica

Segundo Cervo e Bervian, "... a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos (...), busca conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do passado existente sobre um determinado assunto, tema ou problema" (1983, p.55).

De acordo com a pesquisa foram consultados livros que tratam especificamente do assunto em questão, de essencial importância na elaboração da fundamentação teórica e que serviram de base para o desenvolvimento de todo o trabalho. Autores como Weber e Kossobudzki, Dimenstein e Silva, foram referenciados.

### 2) Observação Direta

Quanto a observação direta, é uma técnica bastante primária, utilizada para levantamento de dados. Consiste em ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. No entanto, jamais deve ser empregada como uma técnica isolada, em face da dificuldade de tirar-se conclusões com o olhar. Sendo assim "A observação (...) é uma técnica limitada devido à impossibilidade de percepção de alguns fenômenos", deve ser complementada com instrumentos que subsidiem no processo de coleta de informações, bem como "... consultar atas de reuniões, arquivos, discursos etc., são também outras formas de observar. O pesquisador pode classificar os dados observados, compará-los e sistematizá-los" (Rizzini, 1999, p.71).

### 3) Entrevista

A entrevista é a técnica mais usada para coleta de dados nos trabalhos científicos. "A entrevista consiste numa conversa intencional e é utilizada quando

existem poucas situações a serem observadas ou quantificadas, e ainda quando se deseja aprofundar uma questão” (Rizzini, 1999, p.62).

Para a realização da pesquisa, utilizou-se a entrevista semi-estruturada. Conforme Rizzini, “é aplicada a partir de um pequeno número de perguntas, para facilitar a sistematização e codificação. Apenas algumas questões e tópicos são pré-determinados. Muitas questões podem ser formuladas durante a entrevista e as irrelevantes são abandonadas...” (1999, p.63).

Ressalta-se que a entrevista foi realizada individualmente com cada egresso e egressa, sendo portanto denominada entrevista individual. De acordo com Rizzini, “entrevistador e entrevistado estão face a face. Várias pessoas podem ser entrevistadas individualmente a respeito dos mesmos tópicos facilitando a compreensão das diferentes atitudes, comportamentos e opiniões sobre o mesmo assunto” (1999, p.64).

Através da entrevista, realizada com o auxílio do gravador para registrar os depoimentos da forma mais fiel possível, como já mencionado, o pesquisador tanto pode obter dados objetivos, os quais poderia retirar de outras fontes, como pode obter dados que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, como suas atitudes, opiniões e valores. O que torna a entrevista um instrumento de coleta de dados relevante para a pesquisa social é o fato de a fala ser capaz de revelar as condições pessoais, econômicas, estruturais e sociais de um determinado grupo ou de uma dada localidade.

#### 4) Roteiro

Para obter-se êxito na entrevista, utilizou-se um roteiro, conforme apêndice, com 14 tópicos, sendo estes considerados de relativa importância ao tema em questão e baseado nas bibliografias estudadas.

Antes de iniciar a entrevista, fez-se uma breve apresentação, justificando o motivo da aplicação do mesmo.

### **2.3.2 Amostragem**

Levando-se em conta que a amostra corresponde a uma parte da população, na medida em que se pretende pesquisar um universo muito amplo, sendo inviável trabalhar com todo este universo, optou-se por realizar esta pesquisa apenas com uma determinada parcela da população.

Neste sentido, esta pesquisa foi aplicada no período de setembro a outubro de 2.000, aos egressos e egressas das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, respectivamente, não levando-se em conta a idade, nível de escolaridade, tempo de permanência no abrigo, religião, raça ou qualquer outro tipo de distinção.

Na escolha dos entrevistados levou-se em conta a possibilidade de localização dos egressos e egressas, pois alguns não têm paradeiro conhecido, devido a registros insuficientes, deslocamento para outras localidades, entre outros.

## 2.4 Análise Quantitativa das informações obtidas através da pesquisa

De acordo com os dados obtidos mediante as entrevistas aplicadas junto aos adolescentes desligados das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, obteve-se as seguintes informações:

No que diz respeito a idade dos entrevistados estas variam entre 13 e 20 anos. Sendo que compõem um percentual mais significativo, 37,5% os adolescentes de 16 anos, conforme pode-se verificar no gráfico abaixo:



A faixa etária constitui-se num dado importante, pois permite uma melhor compreensão dos dados seguintes, além de demonstrar que, apesar da idade, os adolescentes entrevistados apresentam um diverso arsenal de experiências vividas.

Em relação à naturalidade dos entrevistados tem-se uma predominância de procedentes de Florianópolis, compondo um percentual de 62,5%, ou seja, 05 pessoas. Os demais entrevistados compõem um quadro de 12,5% com procedência de Araranguá, sendo o mesmo percentual para as cidades de Ituporanga e Blumenau, cada uma.



Percebeu-se que do total de entrevistados 37,5% apenas estão dando continuidade aos seus estudos, sendo que 62,5% estão excluídos do sistema escolar devido a situações como: carência financeira, necessidade de prestar cuidados aos filhos, imposição do marido etc...

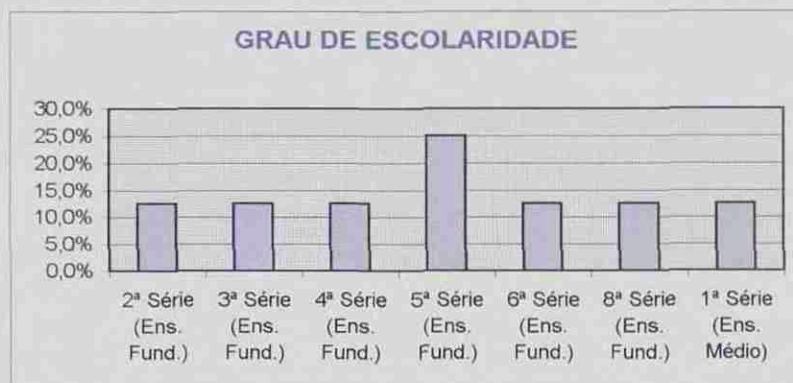
Ressalta-se que durante o abrigamento 100% dos entrevistados freqüentavam a rede estadual ou municipal de ensino, pois é uma das exigências das Casas-Lares quanto às crianças e adolescentes, para tanto todo o corpo funcional das instituições mencionadas voltam-se para oferecer suporte para a escolarização. Cabe mencionar também que o Serviço Social mantém um projeto com o objetivo específico de acompanhamento escolar das crianças e adolescentes abrigados. As mesmas instituições mantêm, em regime extra-abrigo, um projeto de acompanhamento e reforço escolar para demais crianças das comunidades vizinhas, demonstrando a primordialidade com que tratam a questão da educação.

Constatou-se também que em relação ao mercado de trabalho as estimativas assemelham-se com o âmbito nacional, no qual 25% dos entrevistados estão inseridos no mercado formal de trabalho e 12,5% dos entrevistados está inserido no mercado informal e 75% encontra-se em situação de desemprego. Relaciona-se estas estimativas com as anteriores, pois o mercado de trabalho é exigente quanto a qualificação dos trabalhadores, ao passo que, de acordo com a tabela acima, o nível de escolarização dos entrevistados é muito baixo, o que dificulta a sua inserção e até mesmo manutenção no mercado de trabalho.

Direcionando a análise à vida familiar, pôde-se chegar as verificações por intermédio do seguinte gráfico:

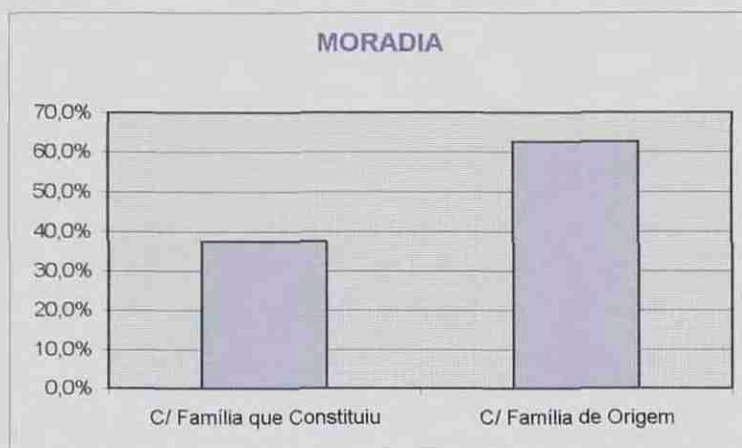


Quanto ao nível de escolarização e a continuidade que os entrevistados estão dando aos seus estudos, pode-se elaborar os seguintes gráficos:



Verificou-se que o nível de escolarização dos entrevistados é muito baixo se comparado com o nacional, pois somente 12,5% dos entrevistados conseguiram completar o Ensino Fundamental, sendo que em nível nacional, de cada 1.000 alunos matriculados no 1º grau, apenas 250 chegam a concluir a 8ª série (Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança, 1994), compondo um percentual de 25%. Salienta-se, que em relação à escolarização, houveram perdas, pois apenas 37,5% dos entrevistados estão dando continuidade aos estudos.





Verifica-se, então, que a maioria dos entrevistados, 62,5%, voltou a residir com sua família de origem após o abrigo. Desconhece-se realmente se os problemas foram resolvidos, mas é visível que os vínculos com a família de origem, mesmo com o abrigo, não foram rompidos. Do percentual 37,5% dos entrevistados, que estão morando com a família que constituíram, 25% destes continuam mantendo relações com suas famílias de origem e apenas 12,5% mencionou ter rompido com seus familiares.

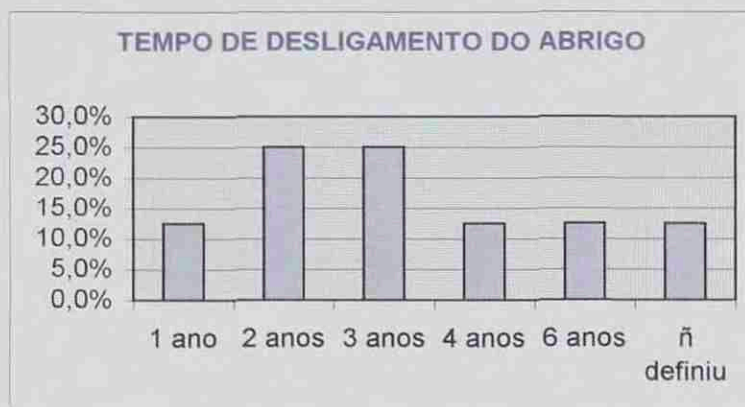
Percebe-se a importância que é dada a categoria família, quando todos priorizam a convivência familiar, seja com a família de origem ou constituída, onde no caso do desmembramento familiar, ocorre o retorno ao lar de origem ocasionado não só pelo suporte emocional que este oferece, mas também pela ajuda financeira. O fato de 50% dos entrevistados não ter ainda constituído sua própria família não significa que desprezem a idéia, mas que se acham com idade insuficiente para arcar com tal responsabilidade.

No que se refere às perspectivas futuras, percebe-se a preocupação com família, estudos, profissionalização, de acordo com o gráfico a seguir:



É importante mencionar que o total, neste caso, excede 100%, isto porque os entrevistados citaram mais de uma alternativa. Verifica-se que os estudos, o mercado de trabalho e a profissionalização são as principais preocupações dos entrevistados com o futuro.

Relacionado a estas estatísticas estão as datas de evasão das Casas-Lares, que permitem a observação do período em que os entrevistados estão formalmente independentes das instituições. Este dado torna-se significativo na medida em que, em análise de dados posteriores, pode-se demonstrar ou não que a ligação instituição/egresso não está submetida ao tempo, podendo concretizar a idéia que se tem do abrigo como ponto de referência.



Pode-se verificar também que o tempo de permanência na Casa-Lar foi bastante distinto entre os entrevistados, isto porque, de acordo com o ECA (1990) o abrigo é medida provisória e excepcional, sendo utilizado como medida substituta para uma resolução definitiva. Dessa forma, pode-se verificar a diversidade do tempo de permanência pelo gráfico a seguir.



Em relação aos motivos que levaram ao abrigamento, constatou-se uma predominância do abandono e pequena parcela de violência física, entre outros motivos. Dessa forma, pode-se colocar a falta de cuidados dos pais, que deixam os filhos a mercê da própria sorte, ou seja, estes tornam-se presas fáceis para armadilhas como as drogas, a prostituição etc..., além da carga de lutarem pela própria sobrevivência. No entanto, não cabe julgar a atitude dos pais, já que se tem conhecimento da dura realidade que enfrentam as famílias.



Ao contrário do que ocorreu com as causas de abrigo, as causas do desligamento foram parciais, sem a predominância significativa de nenhuma, na qual cabe comentar a respeito do desligamento ocasionado por idade. Neste caso, não há uma bruta ruptura, o que na verdade ocorre é que o Serviço Social das Casas-Lares prepara previamente o adolescente, inserindo-o no mercado de trabalho, profissionalizando-o, auxiliando-o economicamente etc... para que ele (o próprio) se sinta preparado a deixar o abrigo e percebendo, juntamente com as assistentes sociais, a conclusão de que tem condições de auto manter-se.

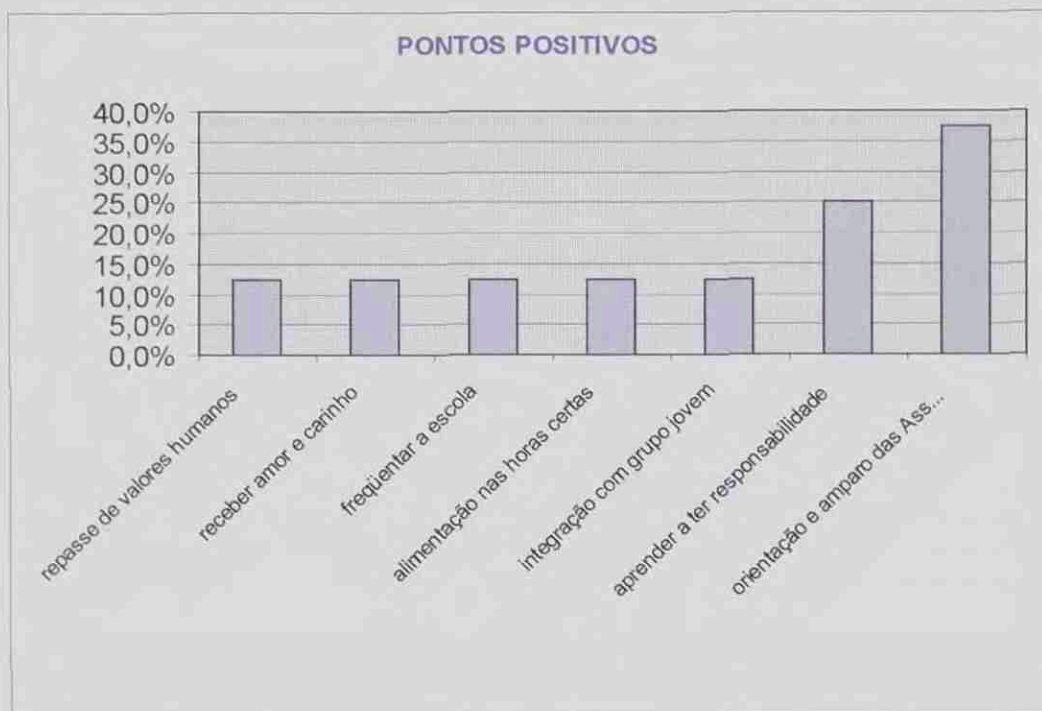




Em relação as Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, verificou-se os pontos considerados como positivos e negativos pelos entrevistados durante o período de abrigo. Constatou-se que, apesar da separação familiar e da condição de coletividade, o abrigo consegue viabilizar oportunidades até então desconhecidas, como o acesso e frequência escolar, além de melhor qualidade de vida, como alimentação sadia e em horários certos.

Percebe-se também uma predominância de aspectos subjetivos no que diz respeito aos pontos positivos, como o fato de receberem amor e carinho, ou seja, inclui-se também o estar em um ambiente no qual se sentem protegidos, a necessidade de responsabilidade da humildade etc. Além, é claro, das orientações e amparo das assistentes sociais e demais pessoas que trabalham nas instituições.

De acordo com os gráficos abaixo, observa-se que a percentagem total dos pontos positivos ultrapassa a 100%, isto porque alguns entrevistados citaram mais de um ponto.





Referente aos motivos que levaram os entrevistados a procurar as Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, constatou-se que 37,5% nunca procurou a Casa-Lar, isto porque procurava resolver suas dificuldades recorrendo a outros setores como: escola, amigos de trabalho etc. O restante, 62,5% citaram diferentes motivos, como podem ser observados a seguir:



Além das constatações feitas, cabe apresentar também no próximo item, alguns recortes de depoimentos considerados de significativa importância, quando relacionados com o tema em questão.



## 2.5 Análise Qualitativa dos recortes relevantes dos depoimentos

Por meio das entrevistas realizadas, percebeu-se a importância de mencionar e analisar qualitativamente algumas falas, que trazem à tona categorias anteriormente comentadas.

De acordo com as falas seguintes verificou-se as conseqüências marcantes que o trabalho infantil pode ocasionar:

*Magali: "Por causa que a minha mãe fazia trabalhar no Centro, daí a polícia veio me pegô e me levou pra Casa-Lar, eu e minha irmã. Eu vendia doces, eu era pequinininha, pegava uma cesta cheinha 07 anos eu tinha, pegava uma cesta cheinha e começava a vender, meu braço ficava todo cheio de marca. Se eu não vendia eu apanhava um pouco".*

*Gislene "Pó eu passava o dia inteiro limpando a casa, minhas amiguinhas da minha idade, 14 e 15 anos, elas me convidavam pra sair e eu não podia porque tinha que ficar com meus irmãos".*

Percebe-se a categoria do trabalho presente no cotidiano infantil dos entrevistados, cotidiano este em que o enfrentamento e organização exigem das famílias esforços infindáveis. Neste contexto, salienta-se que:

*"O histórico processo de exclusão e desigualdades sociais (...) vem se aprofundando face à fragilidade dos compromissos das políticas públicas com o processo democrático e a qualidade do desenvolvimento humano e da cidadania" (Colucci, 1999, p.05).*

Deve ser levado em conta que, anterior ao direito ao trabalho, tem-se o direito à educação e profissionalização, fazendo-se necessário a criação e inserção de programas de auxílio à família, bem como de educação complementar e de trabalho educativo, visando que a criança e o adolescente em situação de carência financeira se tornem sujeitos de um processo pedagógico, que funcione como alternativa para contornar os problemas emergenciais, por meio de educação pelo trabalho, e não por meio da educação para o trabalho,

procurando simplesmente adequar mão-de-obra para as necessidades do mercado.

A categoria família é significativamente mencionada, bem como a violência doméstica:

Daniela: *"É uma coisa que sempre ela vai ter se Deus quiser, se eu não morrer até completar uma idade pra se sentir mais livre, se Deus quiser ela vai ter o meu carinho, meu amor. Foi uma coisa que faltou pra mim e é uma coisa que eu quero dar bastante"*.

Daniela: *"Eu fui pra Casa-Lar porque briguei com ela. Ela espancava a gente, deixava a gente rocha mesmo, entende. Por isso que eu fui para Casa-Lar, eu tenho várias entradas no Conselho"*.

Verifica-se que o desejo de construção de uma família diferente daquela de origem está presente, há a preocupação com a educação e os métodos utilizados para a colocação de limites.

Constata-se que, apesar da origem e das marcas de violência na infância, Daniela tem uma outra visão de família, sendo interpretada como sinônimo de aconchego, de apoio e de cuidado, na qual seus membros são tratados como sujeitos e futuros cidadãos. Neste sentido, a idéia de reprodução da violência que se afirmou tradicionalmente no passado é rompida, criando e recriando o seu próprio conceito de família.

O Serviço de Advocacia da Criança (SAC) revelou que os pais são os principais responsáveis pela violência mental e física contra crianças e adolescentes, segundo Passeti:

*"É questionável a concepção de que a família desestruturada seja o locus "privilegiado" desses atos de violência, pois as denúncias dizem respeito, na maioria das vezes, às famílias estruturadas. (...) O critério de renda tampouco é explicativo, porque muitas vezes a família possui rendimento superior ao que é considerado mínimo" (1999, p.67-68).*

Verifica-se, a seguir, nas falas das entrevistadas a preocupação com o planejamento familiar:

Daniela: *"Eu tomo injeção todo o mês. Eu tenho plano de saúde, aí todo mês eu faço acompanhamento. Em 06 em 06 meses faço o preventivo e teste de mama"*.

Elena: *"Claro com certeza, já tenho dois já tá bom demais. Eu tomo comprimido"*.

Constata-se que as entrevistadas Daniela e Elena, possuem informações a respeito de métodos anticoncepcionais e que se utilizam destes, juntamente com seus companheiros, para o planejamento familiar, destinado portanto a contemplar a possibilidade de executar projetos que pretendem realizar em família.

Os motivos do abrigamento, a institucionalização e a falta da visita dos pais, geram nas crianças e adolescentes a sensação de abandono, facilitando conseqüentemente o rompimento dos vínculos familiares.

Daniela: *"... A gente se dá bem assim longe. Normalmente a gente não se fala (...) nem em data festiva. Ela faz aniversário agora dia 23 e nem telefonei para ela e nem vou telefonar"*.

Zenaide: *"... porque ela não fica ali contigo quanto tu precisa, não tá passando a mão na tua cabeça, quando eu tenho problemas resolvo com um amigo. É mais fácil alguém da rua ajudar"*.

Percebe-se, por meio das falas das entrevistadas, que o tempo na instituição e a sensação de orfandade espiritual, onde as crianças e adolescentes não têm suas necessidades atendidas pelos próprios pais. Neste caso, de acordo com Simpson apud Weber, Kossobudzki:

*“o dano emocional não é fácil de ser medido, porém mães vivas mas fisicamente ausentes provocam uma grande ferida em seus filhos que tende a embaralhar os sentimentos da criança, sendo que os órfãos físicos ou biológicos são poupados desta situação” (1996, p.39).*

Verificou-se que a rotina institucional e a falta de privacidade são fatores marcantes:

*Alex: “... A gente queria ter um cachorro, toda a família tem, eles não queriam que a gente tivesse cachorro, porque incomodava. Não deixavam a gente ficar na rua de noite, só chegava jantava, tomava banho e ficava enjaulado vendo televisão...”.*

*Daniela: “... algumas tinham costume de mexer nas minhas coisas, porque eu trabalhava fora né, então tudo que eu tinha para elas era diferente, então elas tinham costume de mexer, de pegar sem minha ordem, de mexer na minha bolsa, na minha carteira e nunca gostei disso”.*

Na instituição a criança está privada de um convívio afetivo mais íntimo, geralmente possíveis numa relação familiar. O grande número de crianças impossibilita o estabelecimento de vínculos, onde não se tem nem a privacidade de se esconder seus segredos, poder usar seus pertences pessoais quando os tiverem, pois tudo tem que ser dividido.

Percebe-se que a vida nas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, não aportam condições para todas as satisfações de necessidades individuais, pois vive-se numa coletividade, sendo difícil conter o assédio das demais crianças e adolescentes sobre o objeto que pertence somente a um e que todos desejam, dificultando o desenvolvimento do sentimento de integridade.

Em seu relato, a entrevistada refere-se à Casa-Lar São João da Cruz como uma instituição que proporciona oportunidades.

*Zenaide – “Ah, eu acho que ele é minha paixão. Acho que ele é o preferido de todos. Não é que ele prefira morar na Casa-Lar, mas ele sabe que lá vai ter um futuro melhor do que tá com a mãe”.*

É comum ler e escutar que os abrigos têm uma denotação prejudicial, no entanto, não se pode generalizar, pois cada caso tem sua peculiaridade, como quando a entrevistada menciona que o irmão deseja permanecer na Casa-Lar, pois lá tem a oportunidade de estudar. Assim, o abrigo possibilita a ruptura, bem como a tentativa de uma realidade diferente daquela vivenciada pela família de origem, além de possibilitar a oportunidade de sonhar e buscar seu sonho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais destacadas neste trabalho não significam pontos conclusivos, mas pontos relevantes, sugestões e necessidades percebidas.

Leva-se em conta primordialmente o novo reordenamento institucional estabelecido pelo ECA, que prioriza as instituições menores que propiciam um atendimento mais personalizado e individualizado, no qual as crianças e adolescentes, sob sistema de abrigo, são tratados pelos nomes, convivem em sociedade, pois estudam em escolas da rede pública de ensino, participam de cultos religiosos, se assim o desejarem, realizam cursos profissionalizantes, participam do Projeto de Apadrinhamento Afetivo etc...

Com essas atividades, entre outras, o Serviço Social das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz procura num primeiro momento auxiliar a criança/adolescente a superar os seus traumas e/ou motivos de abrigamento e num segundo momento ou, até mesmo paralelamente, enfoca-se após estar habituado ao novo lar, as pessoas, a nova rotina etc, a necessidade de dar resposta às suas demandas, como tratamento médico, psicológico, matrícula em rede de ensino, acompanhamento escolar, etc... Tudo isso tendo como parâmetro que, de acordo com o ECA, o abrigo é medida excepcional e provisória.

Por isso, tendo em vista o caráter provisório do abrigo, o desligamento é uma constante, bem como a preparação para o momento de desligar-se. Tal demanda é trabalhada sempre pelo Serviço Social, que visa o retorno da criança ou adolescente à sua família de origem, ou quando esgotada essa possibilidade, a inserção em família substituta, o que não é algo comum nas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz devido a faixa etária das crianças e adolescentes, pois as pessoas que desejam adotar procuram geralmente bebês ou crianças mais novas.

Assim o Serviço Social leva em conta a possibilidade de não conseguir inserir a criança/adolescente em uma família, seja de origem ou substituta, e por esse motivo precisa preparar o adolescente para gerenciar sua própria vida. No entanto, não sem apoio ou afeto, pois o Projeto de Apadrinhamento Afetivo tem como um de seus objetivos a criação de vínculos afetivos exteriores ao abrigo. Como fortalecimento deste vínculo, não resultante em adoção, o adolescente terá também como ponto de referência e amparo os seus padrinhos afetivos, as amizades que conquistaram por intermédio destes etc.

Todavia, é importante ressaltar que a pesquisa foi realizada com egressos que não tiveram padrinhos afetivos, ou se os tiveram, foi muito breve e não proporcionou a criação de vínculos sólidos, pois dos entrevistados, o último desligamento foi realizado há um ano, donde sabe-se que a implantação do Projeto de Apadrinhamento Afetivo ocorreu no ano de 1999.

Tem-se a percepção de que se for realizada futuramente uma pesquisa semelhante com outros egressos, na qual possuem padrinhos afetivos com vínculos sólidos, não mais só as Casas-Lares serão citadas como ponto referenciais, mas novas respostas e pessoas farão parte do universo dos egressos.

No entanto, retornando à realidade da presente pesquisa, deixa-se como sugestão a implementação de um projeto destinado a suprir as demandas daqueles que egressam, com visitas domiciliares e acompanhamentos sistemáticos, procurando, de um modo geral, auxiliar a todos e não somente aos que procuram, pois o fato de não procurarem as Casas-Lares não significa que não necessitem, que estão em boa situação. Talvez a realidade dos egressos que não se conhece o paradeiro, ou que não se tem notícias, seja muito mais perversa do que aquela que se tem conhecimento.

O acompanhamento aos egressos amenizaria situações mais complicadas, como por exemplo, que se deixassem levar pelo mundo da

prostituição, das drogas, do roubo etc... e também facilitaria outras, como por exemplo, em casos de retorno à família de origem, na qual teria-se a percepção de que as causas de abrigamento não são reincidentes, auxiliaria também na convivência familiar, na procura de emprego, na inserção de cursos profissionalizantes, na continuidade aos estudos etc.

Ressalta-se então, a necessidade de um projeto destinado ao acompanhamento dos egressos. No entanto, durante o período de realização de estágio, observou-se que a demanda das crianças e adolescentes desligados é excedente às possibilidades dos profissionais de Serviço Social, e que por isso atende-se somente os casos considerados como emergenciais e àqueles que procuram pelas assistentes sociais.

Cabe mencionar, relacionado ao citado anteriormente, o papel fundamental que o Serviço Social desempenha nas instituições Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, dando um caráter mais profissional às atividades desempenhadas, pois os voluntários e/ou demais funcionários muitas vezes trazem para dentro das instituições, além de valiosas contribuições, idéias de senso comum que dificultam o desenvolvimento das crianças e adolescentes. É preciso que o Serviço Social filtre as boas contribuições e saiba também eliminar o que poderá ser prejudicial.

O mesmo deve ser realizado com as regras, que devem ser constantemente revistas pelo Serviço Social juntamente com as crianças, pois num ambiente em que vivem tantas pessoas, de tão diferentes origens, de histórias de vida tão variadas é muito difícil preservar a privacidade de cada um e evitar as "intrigas" infanto-juvenis entre as próprias crianças e adolescentes. Neste contexto, as regras podem ter dois lados: o positivo, em que ensina a ter limites e respeito e o negativo, em que tolhe ainda mais a privacidade, a liberdade de expressão e as vontades pessoais.



Ficou notório que o sistema de abrigo pode facilitar a ruptura de vínculos familiares, quando a família não procura a criança ou adolescente, não visitando-o com frequência, não se mostrando propenso ao seu retorno etc.

Dessa forma, a criança ou adolescente abrigados, que não têm base familiar a recorrer, ou que não confiam em seus familiares, obviamente recorrem com maior proporção ao Serviço Social das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz. Entretanto, percebeu-se que as instituições mencionadas são pontos de referência também para aqueles que mantêm vínculos familiares, pois talvez o abrigo tenha sido o único lugar onde se deu limites, mesmo que muitas vezes estes fossem sinônimo de reclamações, no qual se deu e recebeu carinho, no qual as “brincas” eram na verdade a demonstração de preocupação. Na obra das autoras Weber e Kossobudzki (1996) muito utilizada neste trabalho, critica-se o abrigo por não ter condições de dar carinho individualizado, de não ter, apesar dos esforços, a capacidade de dar oportunidades de desenvolvimento emocional e intelectual como numa família.

Então, com este trabalho tem-se algumas respostas, mas também o surgimento de algumas questões: concorda-se que na Casa-Lar o carinho recebido é coletivo, mas quando um egresso menciona que lá era bom porque recebeu carinho, questiona-se a respeito do grau e qualidade de carinho que recebeu durante toda infância onde o carinho que conhece, e, guarda com saudade de ter recebido, é o carinho coletivo do abrigo. Que conceito de lar tem o egresso que menciona ser a Casa-Lar o seu lar? Não teria tido a Casa-Lar o papel de família, já que a família vive?

Notoriamente, finaliza-se citando a primordialidade que se dá à família, na qual o entrevistado que não construiu sua própria família, vive também em ambiente familiar. Prioriza-se a criação dos filhos, o amor materno, a ruptura com a violência, o casamento sólido, relatado pela egressa que deseja viver o resto da vida com o marido, ou seja, novos conceitos de família, novas oportunidades, novos sonhos... Tudo isso em busca de uma nova realidade, diferente daquela

que um dia os levou a necessidade de ir para o abrigo, mas relacionada com a vivência e possibilidades oportunizadas por ele.

Neste contexto, salienta-se os esforços das instituições Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, em superarem seus limites, sejam materiais, ou até mesmo emocionais ou psicológicos, bem como a carência afetiva de algumas crianças e os traumas que carregam, em virtude das situações que as levaram à institucionalização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Maria Josefina. A ruptura dos vínculos: quando a tragédia acontece. In: **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, Brasília, D.F.: UNICEF, 1994.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Filhos do Coração**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997.

CENTRO BRASILEIRO PARA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. **Trabalhando Abrigos**. Cadernos de Ação, n. 3, março/1993.

CERVO, Armando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Conselhos Tutelares: perguntas e respostas 1**. 2ª ed. Florianópolis: IOESC, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA. Oficina de Idéias. **10 medidas básicas para a infância brasileira**. São Paulo: Terranova Propaganda, 1994.

GENTILLI, Raquel de Matos Lopes. **Representações e práticas: identidade e processo de trabalho no Serviço Social**. São Paulo: Veras, 1998.

GERARDI, Denise Aparecida Michelute. **Uma experiência do Serviço Social no processo de construção, implementação e implantação do Programa Comunitário de Educação Complementar: "Casa da Turminha"**. Florianópolis,

2000, 118p. Trabalho de conclusão de Curso de Serviço Social – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

GEREMIAS, Rosicléia. **Trajetória de Vida das Egressas da Casa da Criança do Morro da Penitenciária de 1988 a 1999.** Florianópolis, 2000, 70p. Trabalho de conclusão de Curso de Serviço Social – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

IANNI, Octávio. **A sociedade Global.** 3ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PEDAGOGIA SOCIAL. **Brasil criança urgente: a lei 8.069/90.** São Paulo: Columbus, 1990.

MELO JR, Samuel Alves de (Org.). et all. **Infância e Cidadania.** São Paulo: Scrinium Editora, 1998.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1993.

OLIVEIRA, Márcia Gomes da Silva de. **Apadrinhamento Afetivo: uma parceria das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz com a comunidade de Coqueiros – Florianópolis, 1999, 106p.** Trabalho de conclusão de Curso de Serviço Social – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

PASSETTI, Edson (Org.). et all. **Violentados – Crianças, Adolescentes e Justiça.** 2ª ed. São Paulo: Imaginário, 1999.

RIZZINI, Irma; CASTRO, Monica Rabello de; SARTOR, Carla Silvana Daniel.

**Pesquisando:** guia de metodologias de pesquisas para programas sociais. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SANTA CATARINA, Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **A educação e o Estatuto da Criança e do Adolescente.** Florianópolis, 1999.

SANTOS, Sidney Francisco Reis dos. **A justiça brasileira e a modernidade inacabada.** Florianópolis: OAB-SC. Ed, 2000.

VIOLANTE, Maria Lúcia Vieira. **O dilema do decente malandro.** 3ª ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1984.

WEBER, Lídia Natália Dobrianskyj; KOSSOBUDZKI, Lucia Helena Millazzo. **Filhos da Solidão:** institucionalização, abandono e adoção. Curitiba: Terre des Hommes, 1996.

WEBER, Lídia Natalia Dobrianskyj. **Laços de ternura:** pesquisas e histórias de adoção. Curitiba: Editora Santa Mônica, 1999.

**ANEXO 01**

## Roteiro para elaboração da Entrevista

1. Nome.
2. Idade.
3. Naturalidade.
4. Grau de escolaridade.
5. Quanto tempo permanecesstes abrigada na Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo? O que levou ao abrigamento? E o que levou ao desligamento?
6. Quais foram os pontos negativos e positivos da Casa-Lar durante o período em que estivesses abrigada?
7. Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?
8. Na sua visão o que a Casa-Lar representa para você?
9. Atualmente estudas? Estas fazendo algum tipo de curso?
10. Atualmente trabalhas? Se trabalhas, possuí carteira assinada?
11. Com quem moras atualmente (com os pais, parentes ou amigos). Houve diferença na volta para casa (se os conflitos haviam diminuído, perspectivas de melhoras, condições econômicas, vínculos afetivos, relacionamentos)?
12. Constituístes família? (se possui companheiro)
13. Houve momentos de dificuldades que levaram você a procurar a Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo?
14. Quais suas perspectivas para o futuro?

**ANEXO 02**



## Entrevista Nº 01

Entrevistador - Qual o seu nome?

Entrevistado: Daniela.

Entrevistador - Qual sua idade?

Daniela: "16 anos".

Entrevistador - Data de Nascimento?

Daniela: "06.11.83".

Entrevistador - Naturalidade?

Daniela: "Florianópolis"

Entrevistador - Grau de escolaridade?

Daniela: "6ª série".

Entrevistador - Quanto tempo permanecesstes abrigada na Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo?

Daniela: "1 ano e 07 meses".

Entrevistador - Quais foram os pontos negativos e positivos da Casa-Lar durante o período em que estavas abrigada?

Daniela: "Negativos – é guerrinha como em uma casa de família. Guerrinha com as crianças com as adolescentes, mas muita coisa fez fazer crescer".

Entrevistador – Como assim guerrinha?

Daniela: "Eram brigas mais ou menos assim que algumas tinham costume de mexer nas minhas coisas, porque eu trabalhava fora né, então tudo que eu tinha para elas era diferente, então elas tinham costume de mexer, de pegar sem minha ordem, de mexer na minha bolsa, na minha carteira e nunca gostei disso".

Entrevistador – Mas nunca chegaram a roubar?

Daniela: *“Já, aí o negócio ficou mais feio, aí eu brigava com elas, eu queria bater como se fossem minhas irmãs mas não podia. Na hora da raiva a gente pode fazer tudo”.*

Entrevistador- E os pontos positivos da Casa-Lar?

Daniela: *“Os positivos foram muitas coisas que me ajudaram a crescer, são as orientações da Teca, como broncas da Leila que me ajudaram a crescer a ser alguém, sabe como uma palavrinha da Rose e das monitoras também que estavam sempre ali com a gente no dia a dia e passando o que a gente estava passando. Muitas vezes eu cheguei ali com problemas chorando e tal e as monitoras estavam sempre ali para acudir para perguntar o que tava precisando de alguma coisa. Pra saber o que a gente estava sentindo e o que estava faltando para gente. Mesmo que seja uma bronca mas sempre me ajudou, na verdade a gente cresce com os erros”.*

Entrevistador – Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?

Daniela: *“2 anos e 03 meses”.*

Entrevistador – O que a Casa-Lar representa para você?

Daniela: *“Pra mim foi e continua sendo muita coisa, foi o meu lar, foi o lugar onde teve gente para me acolher, teve gente para cuidar de mim, teve gente para passar a mão na cabeça, e às vezes dar uma bronca quando precisasse. Eu acho que continua assim e tem que ser assim, é um lugar que é para acolher as crianças, apesar de que muitas ali não estão muito necessitadas têm outras que estão lá fora precisando”.*

Entrevistador – Dizes não tão necessitada, como assim?

Daniela: *“Algumas têm família e não passam tantas dificuldades como outras que a gente vê aí por fora, a gente vê muitas crianças que estão lá dentro, ainda acha que as pessoas que estão ali tão fazendo o favor de olhar elas e não. Tem muitas ali se a gente não olha, os pais já tinham levado, os pais não aceitam que morem*

*na Casa-Lar ou alguma coisa parecida, são histórias que passaram na minha época. Os pais têm condições, têm muitas ali que não foram espancadas como muitas criança foi, como muita criança que a gente vê apanha aí fora na rua. Tem muitas ali que com um tapinha já correm para o S. O. S. Criança, já corre pro Conselho Tutelar, entende? Porque hoje em dia é assim é Lei é Lei então eles não vão me bater, vou fazer o que eu quiser e não vão me bater, não é assim, uma palmada de vez em quando não mata ninguém, mas tem muita criança que por uma palmada vai pro S. O. S. Criança, vai pro Conselho”.*

Entrevistador – Houve momentos de dificuldades que levaram você a procurar a Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo?

Daniela: *“Não vou dizer que não houve. Houve depois de 01 ano e pouco que eu tava casada eu me separei porque meu marido usava drogas e álcool”.*

Entrevistador – Que tipo de droga ele consumia?

Daniela: *“Ele usava cocaína e bebia. Então nós nos separamos porque eu apanhava dele e a gente brigava direto não tinha mais convívio. Então nós nos separamos 01 anos e 01 dia depois do nosso casamento. O fim da picada foi porque ele bateu em mim, nós estávamos na casa de praia de um amigo nosso, e eu disse pra ele que eu ia embora que ele estava me incomodando, tinha bebido estava me incomodando. Eu disse que eu ia embora e ele não acreditou, aí peguei minhas coisas arrumei e fui embora aí quando eu tava indo embora quando eu estava de costas ele começou a me bater e acertou a minha filha e tudo. Aí eu fui na delegacia fazer queixa contra ele só que eu precisei da Casa-Lar para arrumar um emprego, porque sem emprego eu não iria conseguir sustentar a minha filha. E graças a Deus depois de tudo isso, parou de beber se internou e parou numa clínica. Faz 05 meses já, que ele parou de beber e usar drogas”.*

Entrevistador – Vocês estão juntos?

Daniela: *“Estamos juntos, pois ele pediu pra voltar”.*

Entrevistador – Atualmente estudas, estas fazendo algum tipo de curso?

Daniela: *“Infelizmente não. Pretendo fazer no ano que vem”*.

Entrevistador – O que pretendes fazer?

Daniela: *“Eu pretendo fazer o supletivo pela CEJA que eu já fiz quando eu morava na Casa-Lar, Edite Gama Ramos 7 e 8ª série o ano que vem”*.

Entrevistador – O que significa CEJA?

Daniela: *“Centro de Estudos para Jovens e Adultos”*.

Entrevistador – Aqui onde trabalhas tens carteira assinada?

Daniela: *“Tenho. E pela Leila, de ordem pessoal”*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Daniela: *“Atualmente moro com meu marido”*.

Entrevistador – Na tua saída da Casa-Lar sentisses alguma mudança?

Daniela: *“Senti mudanças mas não por mim por causa do meu marido, né? Porque até então até esses dois anos e alguma coisa, em um ano, eu estava desempregada porque eu trabalhava pela Promenor como officce-girl, e assim quando eu ganhei a minha filha eu tive que sair da empresa. Porque era uma norma da empresa. Até tentei voltar e tudo mas não deu. Agora que eu estou trabalhando mas eu vivo bem, graças a Deus eu vivo bem”*.

Entrevistador – Você tem mãe?

Daniela: *“Tenho”*.

Entrevistador – Tu tens contato com ela?

Daniela: *“Não. A gente se dá bem assim longe. Normalmente a gente não se fala”*.

Entrevistador – Nem nas datas festivas?

Daniela: *“Não nem em data festiva. Ela faz aniversário agora dia 23 e nem telefonei para ela e nem vou telefonar. O que aconteceu foi assim, ela já sabia que meu marido estava internado e iríamos voltar. Então quando eu voltei a morar com ele, ela achou que foi uma traição e a minha filha não é filha dele, entende? Então nós estamos tentando fazer uma adoção da parte dele. Só que eu preciso dela, que eu sou de menor e eu preciso dela para assinar os papéis e assim que nós voltamos ele ligou para ela e pediu que ela fosse no juiz comigo e ela disse que não ia porque tínhamos traído ela. Daí não ia fazer nada por ninguém muitos menos por mim, e ele disse que não era por mim era pela neta dela, ela simplesmente disse que não ia fazer nada, acabou o relacionamento e desligou o telefone na cara dele. Eu não tenho necessidade de falar com ela se ela não quer falar comigo porque eu vou ter que falar com ela”.*

Entrevistador – Mas isto já ocorre por algum tempo desde quando estivesses abrigada?

Daniela: *“Eu fui pra Casa-Lar porque briguei com ela. Ela espancava a gente, deixava a gente rocha mesmo, entende. Por isso que eu fui para Casa-Lar, eu tenho várias entradas no Conselho”.*

Entrevistador – Mas tu que ias sozinha no Conselho denunciá-la?

Daniela: *“Eu ia direto no Conselho Tutelar”.*

Entrevistador – Tens mais irmãos?

Daniela: *“Tenho mais 02 irmãs. Uma mora em Rio do Sul e a outra mora com minha mãe mesmo”.*

Entrevistador – Qual a idade delas?

Daniela: *“Uma tem 19 anos e a outra vai fazer 18 anos no dia 03 de outubro”.*

Entrevistador – E com elas também perdestes o contato?

Daniela: *“Perdi infelizmente. Minha irmã mais velha nunca mais manti contato depois que ela foi para Rio do Sul, né porque ela não tem telefone não tem nada*

e essa minha outra irmã de vez em quando ela dá uma ligadinha pra mim, entende, com ela eu não perdi o contato total, perdi um pouco do contato mais não total”.

Entrevistador – Se depender de ti não irás procurar tua mãe?

Daniela: *“Não. Ficou muita mágoa”.*

Entrevistador – Tu achas que ela não se arrepende, não que mudar?

Daniela: *“Não porque nós somos do mesmo gênio. Ela não vai dar o braço a torcer muito menos eu. Porque eu não fiz nada de errado”.*

Entrevistador – Ela te batia por quê motivos?

Daniela: *“O que levava a fazer o que a gente fazia, uma vez a gente colocou fogo numa roupa, os vizinhos entraram achando que a gente tinha posto fogo na casa, dar comida pros vizinhos a comida toda que tinha dentro de casa a gente dava pros vizinhos, o que levava a gente a fazer isso é que ela trabalhava em 03 lugares: na Biblioteca Pública, na Dizzy Danceteria e na Pietra Calçados. Ela trabalhava o dia inteiro ela chegava às 05:00 da manhã para sair às 07:00 horas, entende? Aquela atenção que nós precisávamos nós não tínhamos, aquela atenção que nós queríamos atenção de filho, porque na época nós tinha 07, 08 anos e a mais velha tinha 09 anos, era o que a gente mais necessitava era atenção”.*

Entrevistador – Vocês então não passavam necessidades financeiras já que sua mãe possuía 03 empregos?

Daniela: *“Não mas era aquela coisa assim ela trabalhava em 03 empregos, mas é o que todo o pobre faz quanto mais tem mais gasta, entende? Comprava, comprava, comprava mas nunca tinha. Era assim ela comprava um som daí iam lá e roubavam. A gente morava no Monte Cristo, ela mora ali ainda. Ela comprava uma TV duas semanas depois iam lá e roubavam, era sempre assim. Nós nunca tivemos nada por essas coisinhas, uma vez eles assaltaram nossa casa e levaram máquina de lavar, geladeira, bujão de gás, som, levaram tudo. Em plena*

*luz do dia às 04 horas da tarde ninguém viu nada. Encostaram o caminhão na frente de casa e levaram tudo ninguém viu nada, entende? Por isso que a gente nunca teve nada”.*

Entrevistador – E teu pai?

*Daniela: “Eles são separados desde os meus 07 anos, mais um motivo porque eu sempre fui muito apegada a ele, mais um motivo da minha revolta, né, eu digo revolta que pra mim mexeu muito comigo, 06 pra 07 anos quando eles se separaram né, eu sofri muito, eu sofri porque na verdade sempre disseram pra mim que eu não era filha dela e só filha dele. Na verdade eu nem sou filha dele, diz ela, mas a fisionomia dele, a minha altura é igual a minha, porque minhas irmãs são mais altas, ele é baixinho também, ele é da minha altura”.*

Entrevistador – Perdestes o contato com ele?

*Daniela: “Não. Não perdi o contato com ele. De vez em quando eu telefono pra ele, a gente se vê, até é muito difícil de falar com ele porque ele é caminhoneiro, então é muito difícil encontrar ele em casa. Eu sempre estou mantendo o contato com ele porque eu gosto muito dele. Ele conhece minha filha, meu marido, só não conhece a minha casa porque ele nunca teve na minha casa, já morei até pertinho do Balneário, ele nunca foi na minha casa. Eu gosto muito dele”.*

Entrevistador – Atualmente moras aonde?

*Daniela: “Forquilha”.*

Entrevistador – Que contribuições a Casa-Lar trouxe para você?

*Daniela: “Lições de vida, o apoio que eu tive, tanto quanto eu estava lá, tanto quando eu sai de lá, agora eu estou aqui por causa delas, eu estou neste emprego por causa delas, se não fosse por causa delas eu estava em casa, parada, desempregada. Graças a elas eu estou aqui. Minha filha está aqui do meu lado, está ali na creche do ladinho do meu serviço, entende? É a única coisa, é uma vida diferente. Sem contar quando a gente trabalha se parar a gente fica louca, doida varrida”.*



Entrevistador – Quais suas expectativas para o futuro?

Daniela: *“Só ser feliz ter paz, tranqüilidade, ser feliz. Conseguir uma vaga nos estudos”.*

Entrevistador – E filhos, estás se prevenindo?

Daniela: *“Eu tomo injeção todo o mês. Eu tenho plano de saúde, aí todo mês eu faço acompanhamento. Em 06 em 06 meses faço o preventivo e teste de mama”.*

Entrevistador – Como é seu convívio com sua filha?

Daniela: *“Teve uma época que eu trabalhei o ano passado, né? Eu tava trabalhando de faxina e eu deixava ela na creche, eu pagava um jardim para ficar com ela, né? Então a minha cunhada dizia assim: tu pagas o jardim mas tu não deixas o dia todo. Mas era assim se eu fizesse a faxina de manhã e a tarde eu tivesse livre eu não deixava ela na creche eu ia lá e pegava ela, entende? Porque ela estava se divertindo e brincando eu acho que ela ia se divertir muito mais se ela estivesse em casa comigo, entende? Em casa ela também tem os brinquedinhos dela, tem a caminha dela e as coisinhas dela. E o melhor de tudo têm o cheirinho da mãe dela que tá ali do lado.*

*É uma coisa que sempre ela vai ter se Deus quiser, se eu não morrer até completar uma idade pra se sentir mais livre, se Deus quiser ela vai ter o meu carinho, meu amor. Foi uma coisa que faltou pra mim e é uma coisa que eu quero dar bastante. Quando tem que dar bronca eu sei dar bronca, quando tem que dar carinho eu sei dar carinho, ela é assim tem o mesmo gênio eu o meu. Ela é muito ruim, ela é muito braba, o negócio tem de seu do jeito dela se não for do jeito dela ela faz uma reina, faz uma manha, e eu sou desse jeito, também tanto até que eu já fui chamada atenção pela Teca, se não for do meu jeito não vai.*

*Esse meu gênio tem de mudar um pouco, entende. Vamos ver se eu consigo mudar o dela. Quem sabe com um pouquinho mais de amor, um pouquinho mais de carinho e uns tapinhas na bunda quem sabe eu consigo. Se bem que o meu tratamento com ela não é muito de bater, é mais o castigo. Ela é muito viciada em TV a primeira coisa que eu corto dela é a TV quando ela tá*



*muito ruim. Agora ela tá aprendendo a morder, ontem ela já me mordeu, e eu coloquei ela de castigo no quarto, ficou no berço, deitou e dormiu.*

*Eu não gosto de bater porque as vezes a gente pode perder o controle, e depois de perder o controle nunca se sabe o que pode acontecer, então prefiro botar no castigo, cortar algumas coisas se vis sair final de semana, vai pra casa do primo dela que é 28 dias mais velho, ai ficam os dois brincando ali e tal, são as coisinhas assim que eu corto. Passeio, desligo a TV final de semana, deixo no berço é o que procuro fazer com ela. Mais é castigo, quando tem de dar amor eu dou carinho, seja o que Deus quiser, vamos ver o que vai sair disso tudo. Vamos ver quanto ela tiver 10 ou 11 anos a personalidade qual vai ser”.*

## **Entrevista Nº 02**

Entrevistador – Qual o seu nome?

R: *“Zenaide”.*

Entrevistador – Qual sua idade?

Zenaide – *“16 anos”.*

Entrevistador – Sua naturalidade?

Zenaide – *“Ituporanga”.*

Entrevistador – E seu grau de escolaridade?

Zenaide – *“até a 8ª série”.*

Entrevistador – Quanto tempo permanecesstes abrigada na Casa-Lar?

Zenaide – *“01 ano e meio ou 02 anos por aí”.*

Entrevistador – Fostes primeiro que o Valdir para Casa-Lar ou vocês foram na mesma época?

Zenaide – *“Não, eu fui primeiro”*.

Entrevistador – No tempo em que estivesses abrigada, quais foram os pontos negativos e positivos da Casa-Lar? O que tu achastes de bom ou de ruim?

Zenaide – *“De bom.... A gente aprende a ter responsabilidade. Lá trabalhei, abri uma poupança para mim, botei meu dinheiro lá, terminei, consegui terminar, quase terminar meu 1º grau”*.

Entrevistador – E isso tu achastes bastante importante?

Zenaide – *“Foi porque se eu não estivesse na Casa, acho que não teria disciplina. Acho que elas fazem um trabalho pra ajudar a gente, acho que elas fazem um trabalho legal. E negativo, acho que eles prendem muito dentro de casa, mas tudo bem”*.

Entrevistador – Tu achas que eles prendem muito?

Zenaide – *“Quando é adolescente que gosta de curtir, eles prendem”*.

Entrevistador – Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?

Zenaide – *“Vai fazer 01 ano”*.

Entrevistador – Por quê fostes para Casa-Lar?

Zenaide – *“É que a mãe saía pra trabalhar e nós ficávamos em casa, aí fizeram uma denúncia que a minha mãe saía todo o final de semana, que ia beber e deixava nós em casa. Aí o pessoal do S. O. S. teve lá e nos levou. Foram nós todos”*.

Entrevistador – Quantos foram?

Zenaide – *“Nós seis”*.

Entrevistador – Como foram a saída de seus irmãos da Casa-Lar?

Zenaide – *“Primeiro saiu o mais velho, depois o outro de 17 anos, aí eu já não estava gostando mais de ficar lá porque eles pegavam muito no pé, né. Aí eu fugi*

*umas duas ou três vezes, e essa última vez eles deixaram, eles foram buscar e perguntaram se eu queria ficar ou não”.*

Entrevistador – E quando tu fugias tu ias para casa de tua mãe?

Zenaide – *“Não, nem sempre. Por que lá era vistoso. Eu ia para casa da vó da Kátia”.*

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa para você?

Zenaide – *“Como eu disse pra ti, ela fez um bom trabalho, pelo menos comigo ela fez”.*

Entrevistador – Por quê tu saístes da Casa-Lar? Houve algum problema?

Zenaide – *“Não, é porque eu acho que eu queria um pouco de liberdade e não tinha lá dentro. Porque eu queria sair, elas me prendiam muito. Aí acho que foi por isso que eu sai”.*

Entrevistador – E depois que saístes viesses a conhecer seu marido?

Zenaide – *“É, foi jogo rápido”.*

Entrevistador – Quanto saístes da Casa-Lar fosses morar com sua mãe?

Zenaide – *“Vim direto para casa dela. Eu não saí eu fugi, né”.*

Entrevistador – Como era sua fuga da Casa-Lar?

Zenaide – *“É assim a gente saiu para ir, não sei se foi pra ir no Shopping, ou em algum outro lugar e não aparecemos mais”.*

Entrevistador – Então não fostes sozinha?

Zenaide – *“Não, eu fui com a Kátia, acho que foi só nós duas”.*

Entrevistador – Houve algum momento de dificuldade que levou você a procurar a Casa-Lar?

Zenaide – *“Eu adoro conversar com a tia Teca, mas eu tive, nós tivemos um problema, nós tava com umas contas, umas dívidas, aí eu cheguei a procurar a*

tia Teca, porque eu sei que minha mãe não tem condições, então daí eu procurei elas. Eu já contei pra elas, elas foram nossa mãe no tempo em que a gente estava lá, elas sempre deram conselhos. É preferível recorrer a elas do que a tua própria mãe. É isso”.

Entrevistador – Atualmente estudas? Estás fazendo algum tipo de curso?

Zenaide – “Não, não estudo e não estou fazendo nenhum curso”.

Entrevistador – Pretendes voltar a estudar?

Zenaide – “Eu estava fazendo curso pra fazer o supletivo, só que agora não dá”.

Entrevistador – Por quê?

Zenaide – “Porque ele também quer voltar a estudar, é ruim também, engravidei agora, faço exames, um monte de exames é meio complicado”.

Entrevistador – Atualmente trabalhas?

Zenaide – “Não, só no verão. Trabalhei em um mercado”.

Entrevistador – E quando trabalhastes você teve sua carteira assinada?

Zenaide – “Não”.

Entrevistador – Quando retornasses a morar com sua mãe sentisses alguma mudança?

Zenaide – “Não. Ela é muito fria”.

Entrevistador – Em que sentido tu dizes fria?

Zenaide – “Ela é fria, ela não é carinhosa”.

Entrevistador – E seus outros 04 irmãos estão aonde?

Zenaide – “Minha irmã casada está com os outros três morando com ela”.

Entrevistador – E tua mãe tem o mesmo tratamento com seus irmãos?

Zenaide – *“Ah, é a mesma coisa, não muda nada. Ela chama atenção direto como todas as mães, mas eu digo que ela é fria, porque ela não fica ali contigo quando tu precisa, não tá passando a mão na tua cabeça, quando eu tenho problema resolvo com um amigo. É mais fácil alguém da rua ajudar”*.

Entrevistador – Como é sua relação com o Valdir?

Zenaide – *“Ah, eu acho que ele é minha paixão. Acho que ele é o preferido de todos. Não é que ele prefira morar na Casa-Lar, mas ele sabe que lá vai ter um futuro melhor do que tá com a mãe”*.

Entrevistador – A princípio tu não pensas em trabalhar?

Zenaide – *“Ele não quer que eu trabalhe. Teve até um tempo que eu e ele discutimos, porque ele não quer que eu trabalhe, ele quer que eu fique mais dentro de casa. Então teve um dia que nós discutimos, e eu passei duas semanas lá na mãe, porque eu queria trabalhar e estudar. Por enquanto ele não é a favor que eu trabalhe fora”*.

Entrevistador – Quais tuas perspectivas para o futuro?

Zenaide – *“Não penso nada, deixo rolar. Terminar minha casa, criar meu filho, viver o resto da vida com meu marido”*.

### **Entrevista Nº 03**

Entrevistador – Teu nome?

R: *“Elena”*.

Entrevistador – Idade?

Elena: *“19 anos”*.

Entrevistador – *Naturalidade?*

Elena: *“Florianópolis”*.

Entrevistador - Grau de escolaridade?

Elena: *"5ª série"*.

Entrevistador – Quanto tempo ficastes abrigada na Casa-Lar?

Elena: *"Fiquei uns 03 anos"*.

Entrevistador – O que levou ao abrigo?

Elena: *"É que eu não tinha onde ficar mesmo"*.

Entrevistador – Mas quem te encaminhava para a Casa-Lar?

Elena: *"É que eu tava no Lar São Vicente de Paula, lá no Centro. Eu ficava só de dia, era para as crianças que precisavam. Elas que telefonaram"*.

Entrevistador – Lá ficaste bastante tempo?

Elena: *"Ah fiquei bastante tempo"*.

Entrevistador – Tinhas algum irmão que foi para Casa-Lar junto contigo?

Elena: *"Não"*.

Entrevistador – O que te levou a sair da Casa-Lar?

Elena: *"Ah, porque eu engravidei, daí eu me casei ali e agora eu tô casada"*.

Entrevistador – Mas tu casaste lá na Casa-Lar?

Elena: *"Foi lá mesmo. Eles fizeram uma festa de casamento para mim"*.

Entrevistador – Quais os pontos negativos da Casa-Lar?

Elena: *"Não sei. O tempo que eu entrei, eu fui a segunda a entrar era muito bom, né, porque tinha grupo jovem. Agora não sei como é que tá. Eu não tenho o que reclamar"*.

Entrevistador – E quais os pontos positivos da Casa-Lar?

Não respondeu.

Entrevistador – Já faz quanto tempo que saístes da Casa-Lar?

Elena: *"04 anos"*.

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa para ti?

Elena: *"No tempo que eu tava lá foi muito bom, né, porque eu precisava não tinha para onde ir"*.

Entrevistador – Atualmente trabalhas, estás fazendo algum tipo de curso?

Elena: *"Não"*.

Entrevistador – Tu pretendes voltar a estudar?

Elena: *"Se Deus quiser né, quando as crianças tiver maior e tiver alguém pra cuidar"*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Elena: *"Com meu marido e filhos"*.

Entrevistador – Tu tens mãe?

Elena: *"Tenho"*.

Entrevistador – E quando estavas abrigada ela ia te visitar?

Elena: *"Ah uma vez ou outra"*.

Entrevistador – Como é agora seu relacionamento com ela?

Elena: *"Não, agora é melhor"*.

Entrevistador – Quando saíesses houve algum momento de dificuldade que levou você a procurar a Casa-Lar?

Elena: *"Pra arrumar serviço pra mim"*.

Entrevistador – E arrumaram?

Elena: *“Arrumaram”*.

Entrevistador – Trabalhastes há quanto tempo?

Elena: *“Uns 11 meses, depois eu saí, porque não deu certo”*.

Entrevistador – Quais tuas perspectivas para o futuro?

Elena: *“Primeiro lugar arrumar um serviço bom pra dar tudo de bom pro meus filhos”*.

Entrevistador – Estas se prevenindo para não ter mais filhos?

Elena: *“Claro com certeza, já tenho dois já tá bom demais. Eu tomo comprimido”*.

#### **Entrevista Nº 04**

Entrevistador – Teu nome?

R: *“Evandro”*.

Entrevistador – Idade?

Evandro: *“18 anos”*.

Entrevistador – Naturalidade?

Evandro: *“Florianópolis”*.

Entrevistador - Grau de escolaridade?

Evandro: *“4ª série”*.

Entrevistador – Quanto tempo ficastes abrigado na Casa-Lar São João da Cruz?

Evandro: *“Fiquei uns 02 anos”*.

Entrevistador – O que levou ao teu abrigamento?



Evandro: *“É porque eu morava no Albergue, na Agrônômica, agora é Casa de Passagem, aí uma mulher pegou e deu oportunidade pra mim e pro meu irmão ir prá lá, e nós fomos”.*

Entrevistador – E no abrigo foi melhor?

Evandro: *“Com certeza. Lá tem uma estrutura de vida melhor, né? Lá é totalmente diferente, ninguém mexe nas coisas de ninguém. Lá eu estudava, no Albergue eu não estudava, eu era bem malandro. Agora não, eu fui pra lá e comecei a estudar”.*

Entrevistador – O que te levou a sair da Casa-Lar?

Evandro: *“Eu já tinha uma certa idade, também já tinha uns certos atritos com eles, foi assim né cara. Aí deu oportunidade de eu voltar a morar com minhas irmãs, aí eu peguei e fui. Eu aprontava muito, né cara? Mas era aprontação de adolescente na época. Eu queria sair, me sacavam. Eu queria ir na casa dos meus amigos que eu conhecia né cara, porque quando eu comecei a trabalhar eu conheci amigos, né? Eu não podia ir. Se tinha algum show, eu não podia ir. Eu já trabalhava cara, tinha meu dinheiro, tudinho. Ai nosso dinheiro ficava sempre guardado, abriram uma conta pra mim e todo meu dinheiro eu depositava, porque eu não tinha necessidade de gastar, porque eu ganhava alimentação, roupas essas coisas todas. Aí eu peguei o meu dinheiro e comecei a comprar coisas pra mim sem necessidade, eu via na loja uma roupa que me simpatizava e comprava, aí teve uma época que eu não depusitei o dinheiro, aí começaram a dizer que eu estava gastando o dinheiro com drogas e acusou um monte de besteirinha, coisa que eu nunca fiz. Aí fui ficando com raiva delas. Mas raiva é um sentimento ruim. Eu não tenho raiva delas mas não desejo falar com elas, nunca, nunca. Eu não pude participar do canto, até hoje eu lembro que era o coral, não deixaram. Também não deixaram eu participar do curso de inglês. Grupo Jovem quiseram, mas quando eu tinha outras coisas pra fazer, porque eu tinha uma banda, ai eu não quis mais porque aquele horário já estava ocupado. Queriam que todo o domingo eu fosse pra igreja, para né”.*

Entrevistador – Quais os pontos negativos da Casa-Lar durante seu abrigo?

Evandro: *“Pra te falar a verdade nenhum. Ah tá tinha uns atritos, brigas entre os guris e tal. Eu acho assim cara elas estão lá pra fazer os serviços dela, né cara? Se elas não fazer direito elas que estão saindo perdendo, né cara. Na realidade não é que eu não guardo rancor deles, entendesse? Porque a dona Leila ajudou muito, a dona Teca ajudou bastante, dona Rose ajudou bastante, só que a que eu considero mesmo é a dona Rose. Ela é uma pessoa que só quer fazer o bem pras pessoas, né cara. Apesar de as outras duas querer ajudar também, mas tem que evitar, quando o cara quer ajudar muito acaba estovando”*.

Entrevistador – E quais os pontos positivos da Casa-Lar durante seu abrigo?

Evandro: *“Tinha alimentação nas horas certas, né cara. Tinha um monte de pessoas que ajudava nós. Lá eu aprendi a arrumar casa, cozinhar com a Marília, agora eu sei me virar sozinho”*.

Entrevistador - Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?

Evandro: *“Saí já faz dois anos”*.

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa pra ti?

Evandro: *“É uma instituição que tenta levar as pessoas, entregar a sociedade de novo. Mas só que eles deveriam ter um padrão mas adequado, né cara. Sei lá. Eu não lembro quantas pessoas tinha naquela época, acho que era doze pessoas naquela época. Eu já vi camaradas meus que saíram foram pra casas dos pais porque mandaram, que moral da história lá é que a dona Leila só gosta das pessoas pequenas. Maior de idade elas nem tem responsabilidade de cuidar. Assim eles tem que cuidar com 16, 17 e quando fazer 18 anos já ter uma estrutura de vida, entendesse. O Maicon por exemplo, está se acostumando a morar lá com eles, mas vai ter uma época que ele vai fazer 18 aí ele vai pra onde? Aí vai pra casa? Mas como que ele vai se entrega pra família dele que teve*

*covivimento de longe, entendesse? Futuramente quando ele sair de lá, ele pode ir pra outro lugar, se não teve estudo bom se não ter um serviço, uma estrutura de vida vai fazer o quê, pra família não vai voltar, porque a família vai dizer o cara não trabalha. A realidade hoje se tu tá junto com tua família, se tu não trabalha, não estuda igualzinho a malandro sem chance ninguém vai oh, todos os caras vão te sacar. Pó, eu tinha oportunidade te ficar lá autos tempo pegaram e me mandaram embora, por isso que eu sinto raiva deles, às vezes eu não quero ter raiva mas eu sinto mesmo. Se eu não tivesse saído eu ia tá bem. Pó, eu ia tá num grau mais avançado, ia tá com dinheiro na poupança, hoje trabalho, agora eu não tou mais trabalhando tô desempregado, né. Eu saí do serviço, eu estava trabalhando como guia mirim fiz dezoito, assinavam a carteira tudo certinho, mas só que era meio salário, né cara. Fui pegar meu dinheiro semana passada e não deu nem o que eu esperava. Mas isso é a realidade, né cara. Quer dizer que eu podia ter mais dinheiro na poupança, quando eu saí de lá eu peguei tudo, claro. Perdi muita coisa saindo de lá. Ganhei um pouco porque eu fiquei com a minha família, né cara, mas não era isso que eu queria”.*

Entrevistador – Querias ter ficado na Casa-Lar?

Evandro: *“Claro, pó. Se eu tivesse ficado lá mais um pouco pelo menos, apesar que ali cara eu estava estudando, não era o momento de sair de lá e ir pra minha família. Mas eles quiseram assim, né cara”.*

Entrevistador – Tens mãe?

Evandro: *“Não. Tem todo mundo tem, mas só que eu não moro com eles não”.*

Entrevistador – Mas ela é viva?

Evandro: *“Não sei, não me lembro”.*

Entrevistador – Atualmente estudas?

Evandro: *“Faço a 5ª e 6ª série do supletivo no CEPU”.*

Entrevistador – Estas fazendo algum tipo de curso?

Evandro: *“Não, só estudando”*.

Entrevistador – Atualmente trabalhas

Evandro: *“Não trabalho no momento não. Mas vou tentar começar a trabalhar semana que vem, porque é contrato né cara. Vou falar com a minha chefe e ela vai falar com outra moça ainda pra poder me colocar no estacionamento da Zona Azul, que aí já é pra maior de 18 anos”*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Evandro: *“Com as minhas irmãs e meu irmão. Só que elas moram na frente e nós moramos atrás. Eu tenho 03 irmãs, uma casada com três filhos, que mora na frente e eu e meu irmão que moramos atrás”*.

Entrevistador – Ao retornares para casa o convívio foi melhor entre vocês?

Evandro: *“Não foi totalmente diferente, né cara. Nem conhecia bem eles, era sei lá. Não era o momento. Por isso é que eu digo, tem que preparar, porque tipo assim cheguei vou morar com vocês. Claro minha irmã me recebeu bem, que morar comigo pode vir, mas não era o que eu queria, não era o momento de eu ir morar com as minhas irmãs. Mas eu tive que ir, não tinha opção, ou ia morar com a minha irmã ou ia morar como? Aí eu peguei e fui morar com minhas irmãs. Se fosse pra ficar lá e a dona Leila sempre tratando o cara com indiferença, preferia ficar com a minha família. Ela sabe o que é indiferença. Por isso é que eu digo cara, a eu não quero ter raiva deles não, tá ligado. Talvez um dia ela pode me encontrar e a gente vai se encontrar e ela vai dizer, pó Eduardo tás sendo mal agradecido, te fiz tantas coisas, tentei até ser amigo seu, mas não é assim né cara”*.

Entrevistador – Após sua saída houve algum momento de dificuldade que te levou a procurar a Casa-Lar?

Evandro: *“Nenhum. Eu tenho dificuldade mas não procurei não. Não por orgulho né cara, porque o pouco de educação que eu tive orgulho não se deve ter, mas*

*eu tinha outros setores para recorrer, eu tinha meu colégio, meu serviço, então a dificuldade que eu tinha o meu serviço supria, né cara. Ele sempre estava me ajudando, então eu não tive necessidade de pedir ajuda pra eles não”.*

Entrevistador – Quais tuas perspectivas para o futuro?

Evandro: *“Eu pretendo ser músico e me formar em Engenharia. Eu só canto, mas eu pretendo aprender violão, e futuramente me formar em Engenharia”.*

### **Entrevista Nº 05**

Entrevistador – Teu nome?

R: *“Denise”.*

Entrevistador – Idade?

Denise: *“16 anos”.*

Entrevistador – Naturalidade

Denise: *“Florianópolis”.*

Entrevistador – Escolaridade

Denise: *“6ª série”.*

Entrevistador – Quanto tempo permanecesstes abrigada na Casa-Lar?

Denise: *“02 anos e pouco”.*

Entrevistador – Quais foram os motivos que levaram seu abrigamento?

Denise: *“É que minha mãe brigou com meu pai daí ela abandonou a gente. Daí minha tia levou pra Casa-Lar eu e minha irmã”.*

Entrevistador – O que te levou a sair da Casa-Lar

Denise: *“Porque minha mãe voltou e buscou a gente. Ela fez uma casa pra nós e voltamos de novo pra casa. Eu, a Paula e meus outros 03 irmãos que estavam na Casa-Lar dos guris, e uma irmã minha pequena de 10 anos que estava na Casa-Lar de Carianos”*.

Entrevistador – Quais os pontos positivos da Casa-Lar durante seu abrigo

Denise: *“Ah eu achei tudo bom. Ir pra aula, nós passeava, no final de ano nós ia pra colônia de férias, fazia um monte de brincadeira, várias coisas eram legal”*.

Entrevistador – E os pontos negativos?

Denise: *“Pra mim não teve nenhum ponto negativo”*.

Entrevistador – Há quanto tempo saíste da Casa-Lar

Denise: *“Faz 03 anos”*.

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa pra ti?

Denise: *“Um lugar bom, me ajudou bastante. Gostei de ficar lá, não gostaria de ter saído, queria ter ficado lá ainda”*.

Entrevistador – Preferes ficar lá do que ficar com sua mãe?

Denise: *“Eu queria ficar com os dois, né. Mas eu tive que ir pra minha casa”*.

Entrevistador – Atualmente estudas?

Denise: *“Tô, estou fazendo a 6ª série”*.

Entrevistador – Estás fazendo algum tipo de curso?

Denise: *“Só estou aqui no Projeto. Eu já fiz um curso de panificação na Promenor”*.

Entrevistador – Atualmente trabalhas?

Denise: *“Não”*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Denise: *“Com a minha mãe e meus seis irmãos”*.

Entrevistador – Na volta pra tua casa sentisses alguma diferença com relação a sua mãe?

Denise: *“Só que antes ela ia visitar a gente, agora ela não precisa mais. Está normal”*.

Entrevistador – Houve algum momento de dificuldade que levou você a procurar a Casa-Lar?

Denise: *“Não”*.

Entrevistador – Quais as tuas perspectivas para o futuro?

Denise: *“Ah quero estudar, quero arrumar um serviço, fazer minha vida. No momento ainda não sei o que eu quero ser da minha vida, primeiro vou estudar”*.

### **Entrevista Nº 06**

Entrevistador – Qual o teu nome?

R: *“Gislene”*.

Entrevistador – Idade?

Gislene: *“19 anos”*.

Entrevistador – Naturalidade?

Gislene *“Nasci em Araranguá. Minha mãe veio pra cá já faz um tempão e depois ela me trouxe depois que casou com o meu padrasto”*.

Entrevistador – Grau de escolaridade?

Gislene: *“3ª série”*.

Entrevistador – Tens mais irmãos?

Gislene: *“Eu tenho mais seis irmãos”*

Entrevistador – Quanto tempo permanecesstes abrigada na Casa-Lar?

Gislene: *“Nove meses”*.

Entrevistador – Quais os motivos que te levaram ao abrigo?

Gislene: *“Foi por uma assistente social do Conselho Tutelar. Eu tava apanhando muito né, do meu pai, ele batia muito, muito, demais em mim, eu era a única que apanhava. Eu criava as crianças, tá entendendo e ele me batia”*.

Entrevistador – Por quê ele te batia?

Gislene: *“Porque eu não podia sair de casa. Tudo é rejeitado comigo, tudo, tudo, tudo é rejeitado comigo. Eu sou a última, até hoje. Eu passei uma época na rua, debaixo da ponte por causa dele, porque ele não deixava eu entrar dentro de casa”*.

Entrevistador – E a sua mãe em relação a isto?

Gislene: *“E a minha mãe não pode fazer nada coitada, ela tem 06 filhos pequenos, um tem 02, outro de 05, a menina tem 07, o outro tem 10, o outro de 11 e o outro vai fazer 13 anos. E ainda tem a minha pequena de 04 anos”*.

Entrevistador – O que te levou a sair da Casa-Lar?

Gislene: *“Porque eles vieram aqui, a minha mãe e meu pai me prometeram mundos e fundos, né. Vieram me buscar, ele disse que ia melhorar, que não ia mais me bater, que ia me deixar eu sair, porque ele não me deixava sair nem pra ir na rua no vizinho. Eu tinha que ficar o dia inteiro limpando a casa, porque era muita criança aí sujava muito, né. Imagina fazer comida pra 06 crianças tudo pequeno e eu com 12 anos, tá entendendo. Então eu limpava a casa e lavava roupa de 06 crianças, tá entendendo.*

*Daí eles vieram aqui, me prometeram mundos e fundos, a mãe queria trabalhar, e prometeram me dar as coisas, que iam me ajudar, né. iam deixar eu*



*estudar, porque eles não deixavam eu estudar porque eu tinha que cuidar dos pequenos, daí eu fui, daí saí.*

*Daí eu saía de casa ia para casa das amigas, assim né. Porque não dava certo. Daí eu saía e tudo se transformou na mesma merda, o pau começava a fechar de novo, apanhava de novo”.*

Entrevistador – Então era melhor morar na Casa-Lar?

*Gislene: “Mil vezes, eu vou dizer uma coisa, seu eu continuasse aqui até completar 18 anos, eu acho que hoje em dia eu tava mulher formada, tá entendendo. Eu ia Ter estudado, porque eu só tenho até a 3ª série, só isso, que foi aqui que eu fiz ainda, tá entendendo. Só eu não tenho nada, eu sou uma burra, assim pra sociedade, né, pra pegar um serviço. Eu fui procurar pra mim um serviço, qualquer serviço é 2 grau e doméstica tem que Ter até a 5ª série.*

*Deu pra mim aprender a ler, que eu nem sabia ler, eu tinha 12 anos ia fazer 13 anos eu não sabia nem ler. Daí eles me botaram no Colégio, daí eu comecei a 1ª série, daí eu fui bem e eles me passaram para a 2ª série. Aí eu tava indo bem na 2ª série, pois meu sonho era sempre estudar, daí eu me empenhei e me passaram para a 3ª. Daí quando eu tava quase terminando a 3ª série eles vieram me buscar”.*

Entrevistador – Quais os pontos negativos da Casa-Lar

*Gislene: “Não, nenhum. Tudo na santa paz”.*

Entrevistador – Quais os pontos positivos da Casa-Lar

*Gislene: “Muito amor, carinho, tá entendendo. Vê que as pessoas gostam da gente, não tão ali por falsidade, tá entendendo. Tão por carinho, tentam ajudar a gente da melhor maneira possível, foi o que ajudou muito. Tem muitos pontos positivos, pelos menos na minha época era assim”.*

Entrevistador – Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?

*Gislene: “Faz 06 anos, mas sempre eles me ajudando”.*

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa pra ti?

Gislene: *“Pra mim mesmo ela representou um oportunidade pra subir. Ela me ensinou muita coisa, me ajudou muita coisa, tá entendendo. Eu vi a vida totalmente diferente, quando eu morava na minha casa eu não sabia o que era felicidade, tá entendendo. Eu não sabia o que era ganhar um presente, eu não sabia o que era comer no horário certo, eu não sabia o que era dividir as coisas, tanto é que eu não sabia nem ler, tá entendendo. Me ajudaram a conhecer muitas coisas da vida”*.

Entrevistador – Atualmente estudas?

Gislene: *“Não”*.

Entrevistador – Atualmente trabalhas?

Gislene: *“Não, meu marido não deixava trabalhar. Mas quando eu trabalhei eu fazia faxina e não tinha carteira assinada”*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Gislene *“Com meus pais”*.

Entrevistador – Atualmente você sente diferença no tratamento de seus pais contigo?

Gislene: *“Pra pior. Eles não me deram apoio. Eu continuo a mesma discriminada, ainda pior, eles dizem que a Casa-Lar me estragou, porque antes eu aceitava tudo o que eles falavam pra mim, eu passava sabão em pó na mesa porque eu sou bem limpa, e nunca tava bom. Eles disseram que a Casa-Lar me deixou preguiçosa, que eu não fazia nada na Casa-Lar, e por mais que eu me esforçasse eles sempre me criticavam. Daí onde eu tive a minha filha, aí falaram que foi a Casa-Lar que me estragou. Não foi a Casa-Lar que me estragou, foi eu, eu que resolvi, tá entendendo”*.

Entrevistador – Constituístes família depois que saístes da Casa-Lar?

Gislene: *“Na verdade eu constitui, mas agora eu estou separada. Quando eu saí da Casa-Lar eu queria Ter uma família, um casamento, eu sonhava com um príncipe encantado. Minha mãe não me dava carinho, mas outras crianças sim, pra mim não. Até hoje eu tenho que implorar um beijo, não sei se ela tem receio porque eu sou filha do outro, quando estamos nós três, os dois evitam conversar comigo, porque ele odeia minha cara.*

*Chegando em casa eles não me deixaram sair, eu já estava uma moça, então eu queria uma diversão. Pó eu passava o dia inteiro limpando a casa, minhas amiguinhas da minha idade, 14 e 15 anos, elas me convidavam pra sair e eu não podia porque tinha que ficar com meus irmãos. Eles sempre me prenderam, tanto é que eu sou rejeitada na minha rua, por causa deles porque eles correram com as minhas amizades.*

*Daí eu disse pra minha mãe que eu já estou uma moça, vou arrumar um serviço e deu, tu é que fazes os filhos e eu que tenho que cuidar. Não quero mais, chega. Aí arrumei um serviço e me mandei. Neste serviço arrumei um namoradinho, daí meu namoradinho um dia resolveu me dar um carcaço né. Aí me deu um carcaço me engravidou e sumiu. Tirou minha virgindade e me engravidou na 1ª vez. E pra dizer para minha mãe que eu estava grávida e falei no Carnaval. Aí o meu pai telefonou para Scarlete e disse vocês colocaram ela na Casa-Lar a guria se transformou e engravidou. Ninguém acredita que eu só fiz uma vez”.*

Entrevistador – Houve momentos de dificuldades que levou você a procurar a Casa-Lar?

Gislene: *“Muitas vezes, a primeira vez que eu procurei a Casa-Lar foi quando eu estava grávida. Daí a tia Teca arranhou uma casa na Vila Aparecida, e eu fiquei até os meus oito meses, a tia Teca pagava pra mim ficar e dava cesta básica. Aí conversaram com o meu pai, disseram que iam ajudar e ajudaram deram roupa pra criança. Daí eu sou muita louca tá entendendo, quando a nenê tinha 03 meses de idade, cheguei pra minha mãe e meu pai e disse que eu não nasci pra Ter filho, vocês me fazem de escrava, aí a minha mãe saiu do serviço. Arranjei um serviço e eu bancava a água, luz e telefone, dava R\$ 100,00 para as compras*

*e só sobrava pra mim r\$ 20,00. Tudo era comigo, então pra eles era vantajoso. Aí chegou uma hora que eu disse não, pois eu estou sustentando eles, eu ganho mais que o meu pai, botei a Gabriela numa creche e me mandei. Arranjei alguns serviços e não deu certo. Daí cai nas drogas, do cigarro fui pra maconha, da maconha fui para cocaína e dela fui para o crack.*

*Meus pais não me aceitavam em casa, desempregada, tá entendendo. Então fui morar debaixo da ponte, fiquei 01 ano morando debaixo da ponte. Daí foi onde eu conheci ele num barzinho. Ele estava se separando, disse pra ele que eu não tinha família, aí ele me levou pra casa dele e me levou para casa dele e me transformou na mulher que eu sou, tá entendendo. Porque hoje eu sou educada, aquele homem mudou a minha vida. Tirou das drogas, dá rua, hoje em dia eu passo na rua sou bem chique. Nisso ele me mudou muito. Depois que ele saiu da cadeia não foi a primeira vez que ele me bateu. Ele jura que não está envolvido no crime”.*

Entrevistador – Quais as tuas perspectivas para o futuro?

Gislene: *“Eu quero trabalhar, estudar, fazer um curso de computação, porque se vai trabalhar de balconista eles pedem computação, e se não der mais certo com ele, eu quero constituir uma nova família”.*

## **Entrevista Nº 07**

Entrevistador – Nome.

R: *“Mônica”.*

Entrevistador – Idade.

Mônica: *“13 anos”.*

Entrevistador – Naturalidade.

Mônica: *“Blumenau”.*

Entrevistador – Quantos anos você tinha quando viesse para Florianópolis?

Mônica: *“Eu tinha 02 ou 03 anos e vim com a minha mãe e meu pai”*.

Entrevistador – Grau de escolaridade.

Mônica: *“Até a 2ª série”*.

Entrevistador – Quanto tempo ficastes abrigada na Casa-Lar?

Mônica: *“Uns 04 meses, mais ou menos assim. Por causa que eu fui, eu fugi e voltei, daí quando eu fui de novo a minha mãe foi lá me buscou e voltei de novo. Daí foi indo e voltando, daí a última vez eu voltei com a minha mãe”*.

Entrevistador – Quais foram os motivos que levaram o seu abrigamento?

Mônica: *“Por causa que a minha mãe fazia trabalhar no centro, daí a polícia veio me pego e me levou pra Casa-Lar, eu e minha irmã. Eu vendia doces, eu era pequinininha, pegava uma cesta cheia 07 anos eu tinha, pegava uma cesta cheia e começava a vender, meu braço ficava todo cheio de marca. Se eu não vendia eu apanhava um pouco”*.

Entrevistador – O que te levou a sair da Casa-Lar?

Mônica: *“Foi um dia que eu fugi né, daí a tia Teca falou que tava muito cansada, né? Pegou e chamou a minha mãe. Daí fiquei um tempinho com a minha mãe, daí meu pai e minha mãe se separaram. Fui morar com a minha tia, com minha tia Romilda, não essa. Daí voltei com a minha mãe, daí minha mãe ficava me batendo muito, fazia eu lavar roupa, cuidar das crianças e tudo quando ela chegava em casa eu apanhava de novo ainda, por causa que tinha uma coisinha só errada eu apavanhava, tudo que acontecia era eu. Só eu que apanhava meus irmãos são pequinininhos, um tem 07, outro tem 09 e o outro tem 06. Se o Leandro saísse pra fora não era pra deixar, se deixasse eu ia apanhar quando chegasse em casa. Daí eu fugi da minha mãe e peguei e fui pro meu pai. Daí a mulher do meu pai ficou enchendo o saco, né. Daí eu peguei e fugi lá pra minha tia. Daí agora com a minha tia tá dando um pouquinho certo, melhor do que ficar”*

*com a minha mãe. O SOS Criança quer me pegar e levar pra minha avó. Mas eu não quero. Ela não tem comida pra dar, não tem nada, é pior do que a minha tia. Não tem comida, não tem roupa, não tem cama. A casa nem é dela, ela não paga nem aluguel”.*

Entrevistador – Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?

Mônica: *“Faz um bom tempo. Eu não sei. Eu não sei que ano eu nasci, eu não sei que dia que eu faço aniversário”.*

Entrevistador – E a tua certidão de nascimento?

Mônica: *“Tá com a minha mãe”.*

Entrevistador – Quais os pontos positivos da Casa-Lar durante o tempo em que permanecesstes abrigada?

Mônica: *“Muitos. As mulheres que cuidavam da gente eram legal. As meninas a gente brincava final de semana também. Tem mais né, só que eu não sei explicar”.*

Entrevistador – E os pontos negativos da Casa-Lar?

Mônica: *“Quando as meninas grandes mandavam escondidas a gente fazer os serviços dela se a gente não fizesse elas surravam a gente. E tem uma galega lá Marília ela é ruim. Quando a gente fazia bagunça ela renava com a gente”.*

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa para você?

Mônica: *“É legal. Eu sinto saudades de lá. Por isso que eu só ligo pra lá”.*

Entrevistador – Atualmente estudas?

Mônica: *“Não, porque minha tia não conseguiu”.*

Entrevistador – Trabalhas?

Mônica: *"Ali com a minha tia, vendendo doces no Terminal. Eu não trabalho tanto, ontem só eu fiz R\$ 14,00 pra mim. Eu vendo passe, ganho o que sobra"*.

Entrevistador – Tu fazes o quê com o dinheiro que recebes?

Mônica: *"Compro roupa, comida, sapato pra mim. Eu convido a minha tia, ou senão a minha prima"*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Mônica: *"Com a minha tia Salete. Lá tá bom morar com ela, mas às vezes ela briga com nós. Não é só comigo mas com tio, com a Aline. Quando ela briga com um é com todos"*.

Entrevistador – Após a sua saída, houve momentos de dificuldades que fizeram com que você procurasse a Casa-Lar?

Mônica: *"Eu só vou ficar lá até arrumar uma família pra me adotar"*.

Entrevistador – Quais tuas perspectivas para o futuro?

Mônica: *"Nada. Só uma família pra mim"*.

### **Entrevista Nº 08**

Entrevistador – Teu nome

R: "Alex".

Entrevistador – Idade

Alex "20 anos"

Entrevistador – Naturalidade

Alex "Florianópolis"

Entrevistador – Grau de escolaridade

Alex: "2º ano do 2º grau".



Entrevistador – Quanto tempo permanecesstes abrigado na Casa-Lar?

Alex: *"01 ano"*.

Entrevistador – Quais os motivos que levaram o seu abrigamento?

Alex: *"Eu tava no albergue, no casarão, e os coordenadores fizeram o contato e eu só aceitei ficar lá na Casa-Lar, só se me deixassem sair. Porque tinha show no Ilha Shopping, eu já tinha uma certa idade que pó eu podia sair. Eu tava com 15 pra 16 anos, já tava na hora de sair dar uma volta conhecer alguém. Eu ficava ali porque eu não queria ficar em casa"*.

Entrevistador – O que te levou a sair da Casa-Lar?

Alex: *"Eu saí por causa das rixas com a dona Leila, eu saía pra show tinha horário pra começar mas pra terminar nunca tem. Aí ficava ruim, chegava não tinha como dar a chave, aí a mulher que cuidava de nós não tinha como dormir legal. Aí eu era muito bagunceiro, aí já tava na hora de ir embora, eu tinha que dar espaço para quem não tinha, eu tinha a minha casa. Eu queria alguma coisa pra mim, a educação já vem de casa também, meu pai sempre me deu bastante estudo. Eu queria algo mais para mim, não queria viver o resto na vida naquele lugar, eu não quero ficar pequeno eu queria crescer"*.

Entrevistador – E a tua mãe?

Alex: *"Eles não moram com nós, eu já vi ela uma vez, foi a minha irmã que criou nós. Eu comecei a sair, conheci o centro, comecei a sair com os amigos dos meus irmãos, e desta patotinha uns morreram, uns tal mal de cabeça, outros fumam maconha e se acham o tal"*.

Entrevistador – Quais os pontos positivos na Casa-Lar?

Alex: *"Eles ensinaram, passaram coisas boas, ensinaram a ser mais humilde, trabalhar em equipe, querendo ou não nós era um família, irmão, tinha uma mãe bem dizer a mulher que cuidava de nós, mas tem de respeitar de qualquer jeito. Um dava conselho pro outro"*.



Entrevistador – E os pontos negativos?

Alex: *“Os negativos eram porque eles não me davam liberdade de expressão. Não podia falar o que eu achava, era o que eles falavam e deu. Eles sabiam que nós tinham um ponto certo, só que eles não queriam dar o braço a torcer era do jeito deles e deu. A gente queria Ter um cachorro, toda a família tem, eles não queriam que a gente tivesse cachorro, a porque incomoda. Não deixavam a gente ficar na rua de noite, só chegava jantava, tomava banho e ficava enjaulado vendo televisão, não tinha nada que preste. Eu mesmo me revoltava, pulava o muro, ficava até as 10 horas da noite com meus amigos, aí voltava. Eles prendiam o cara”.*

Entrevistador – Há quanto tempo saístes da Casa-Lar?

Alex *“03 anos”.*

Entrevistador – Na tua visão o que a Casa-Lar representa pra ti?

Alex: *“No albergue eu aprendi bastante coisa, aprendi mais que a Casa-Lar. No albergue eu aprendi a sobreviver e na Casa-Lar eu aprendi ser um pouco mais humilde com as pessoas, conheci bastante pessoas diferentes. Eu tive oportunidade de sentar com todo mundo, bater um papo, mostrar o que eu acho que é certo o que é errado, participei de grupo jovens, eu mostrava o que eu queria, fui pra retiro, foi bem legal, conheci bastante gente”.*

Entrevistador – Atualmente estudas?

Alex: *“Estudo, estou fazendo o 2º ano”.*

Entrevistador – Estas fazendo algum tipo de curso?

Alex: *“No momento não, mas já fiz o curso de computação no SENAC”.*

Entrevistador – Atualmente trabalhas?

Alex: *“Trabalho na Cassol já há 06 anos”.*

Entrevistador – Tens carteira assinada?

Alex: *"Tudo direitinho"*.

Entrevistador – Com quem moras atualmente?

Alex: *"Com a minha irmã, e eu e meu irmão moramos na edícula"*.

Entrevistador – Quanto voltasses a morar com tua irmã sentisses alguma diferença?

Alex: *"Mudo né, crescemos, o jeito de comportar, falar, mudou bastante, sempre tivemos bastante educação. A nossa família é bem unida"*.

Entrevistador – Houve algum momento de dificuldade que levou você a procurar a Casa-Lar?

Alex: *"Não, sempre tive o que eu queria em casa. Quando eu tive minha formatura no batalhão eu liguei para casa pras minhas irmãs, liguei pra dona Leila, ela foi, tem até minhas fotos minhas lá, formatura da boina, eu convidei mesmo porque pó, que foi mais uma escada que eu subi. Pra mostrar pra eles que cada vez eu estou melhor. Eu estou na C. amanhã ou depois eu posso ser um gerente, capacidade eu tenho, eu tenho futuro, ali o Adriano existe na C. Tem vendedor ali, que o dono, o gerente geral não sabem quem são o vendedor. Já fui separador, fui transferência, fui conferência, de vez em quando eu tiro uma nota, atendo o cliente. Só dão pouco espaço"*.

Entrevistador – Quais tuas perspectivas para o futuro?

Alex: *"Quero estudar, ser engenheiro, ou senão fazer uma coisa que mais tarde possa utilizar, como Administração geral de empresas, senão fazer Administração, fazer uma coisa que a C. possa utilizar"*.

## DADOS DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Nome do Aluno: Alessandra Todescato Cataneo

Matrícula: 95216375

Ano de Desenvolvimento da Oficina de Estágio I: 2000

Semestre: 00.1

Nome do Local de Estágio: Escritório Modelo de Assistência Jurídica – EMAJ

Nome da supervisora da instituição: Simone Matos Machado

Nome da supervisora da UFSC: Marli Palma Souza

N.º de horas desenvolvidas: 216 horas

Ano de Desenvolvimento do Estágio Supervisionado: 2000

Semestre: 00.2

Nome do Local de Estágio: Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo/ Coqueiros

Nome da supervisora da instituição: Márcia Gomes da Silva de Oliveira

Nome da supervisora da UFSC: Nilva Souza Ramos

N.º de horas desenvolvidas: 234 horas

Marli Palma Souza  
Coordenadora de Estágio